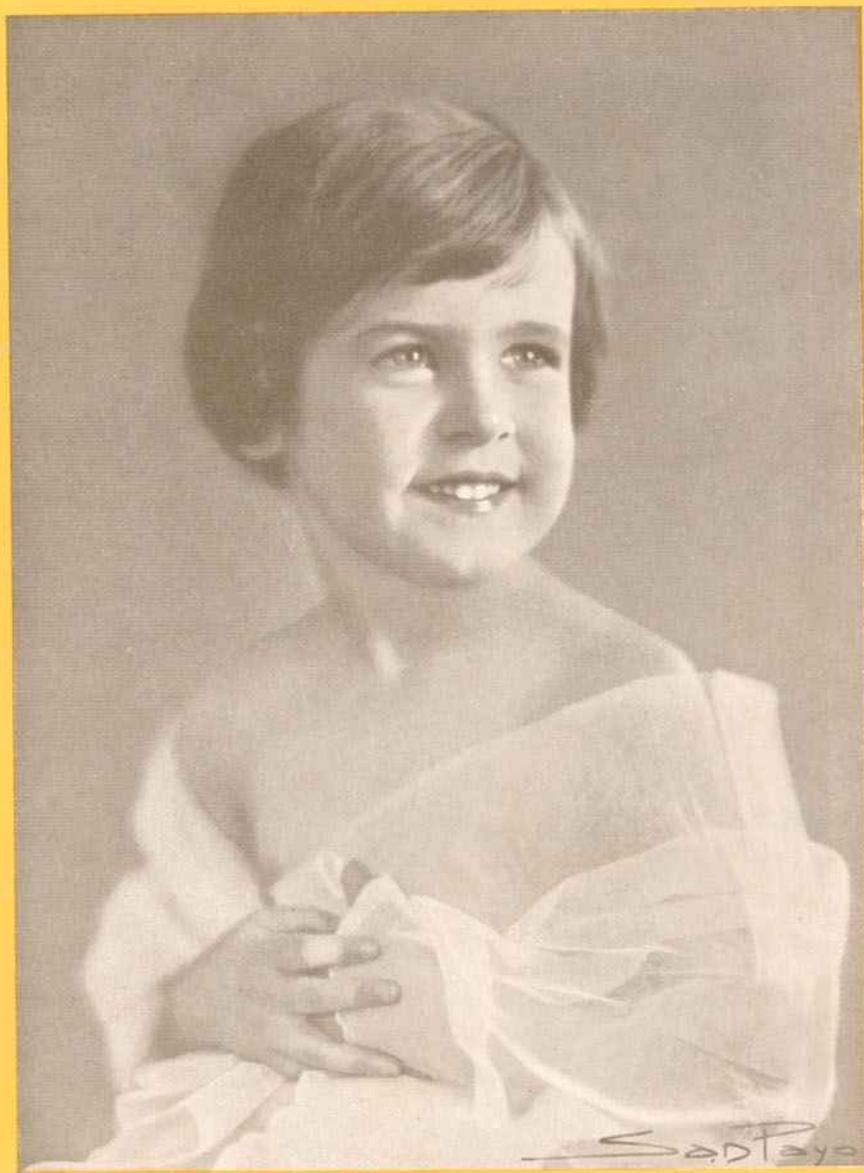


ILUSTRAÇÃO

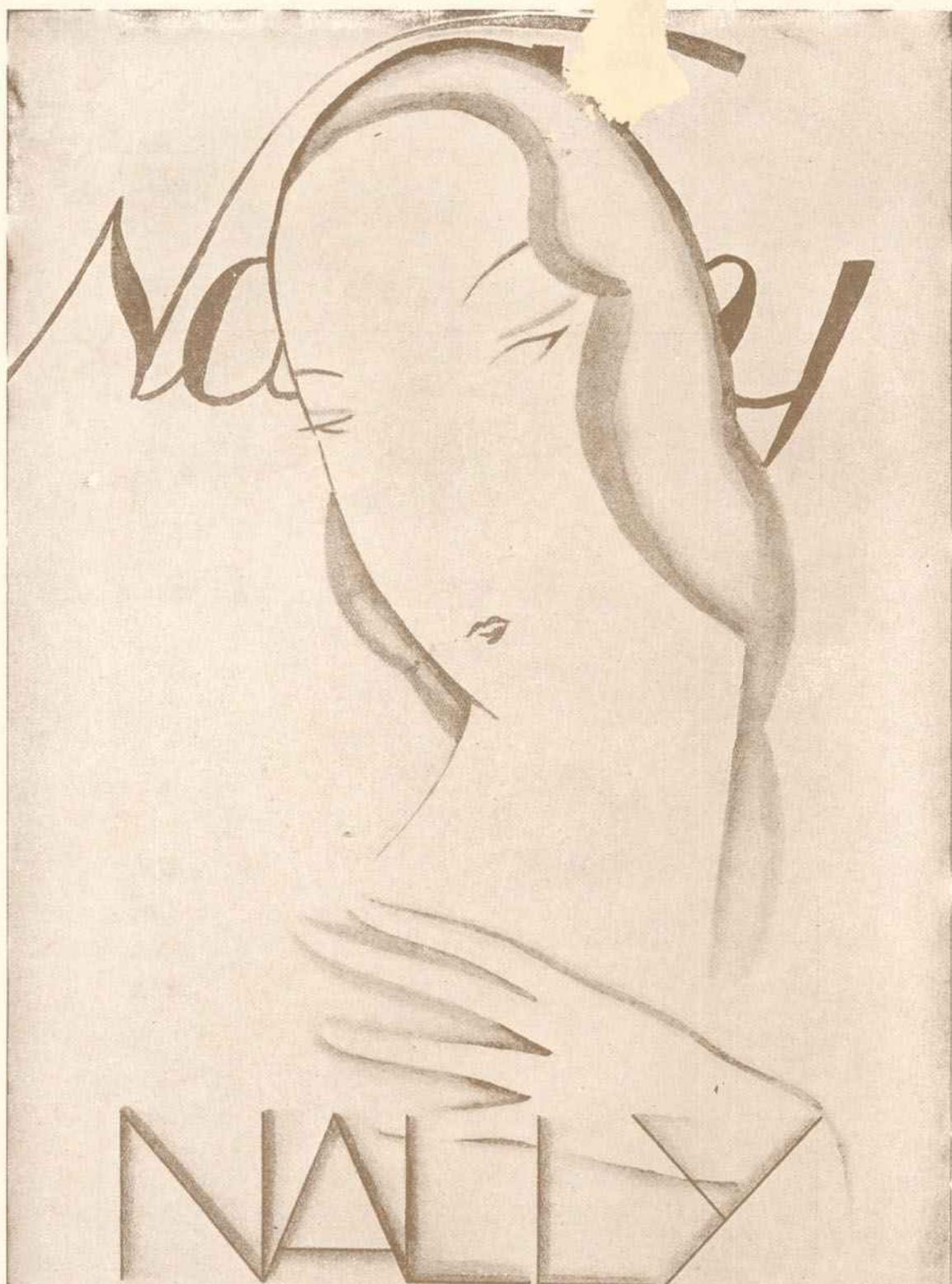
1 DE FEVEREIRO
1931



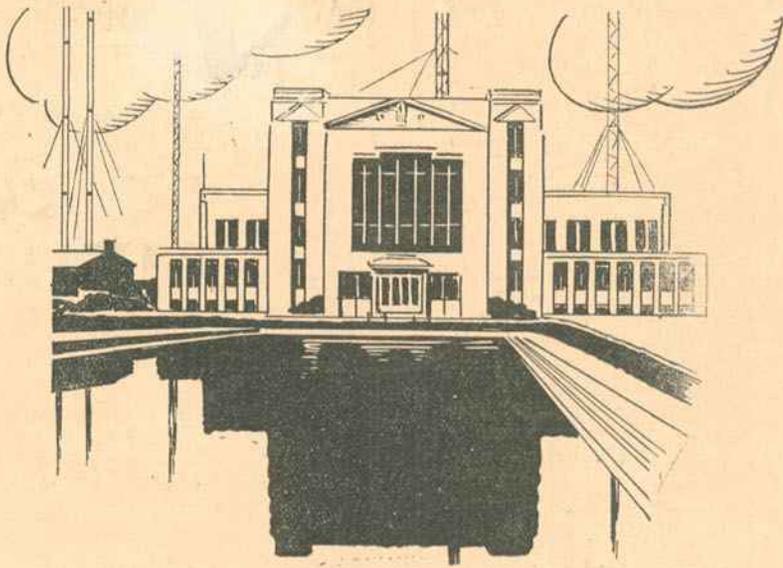
PREÇO 4 ESCUDOS

ANO VI - NÚMERO 123

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO



MARCA ADORAVEL QUE A MULHER DESEJA
OS MELHORES PERFUMES
OS PRODUTOS "BENAMOR" SÃO PERFUMADOS COM ESSENCIAS DE NALLY



Foi em 1906

**que a TELEFUNKEN instalou
a grande estação de Nauen**

Há quasi 25 anos que foi irradiada de Nauen a primeira música através do espaço. Foi este o primeiro grande progresso sobre telefonia sem fios e que marcou definitivamente o lugar da Telefunken nesta nova derivante das comunicações telegráficas. Desde então a Telefunken montou inúmeros emissores em tôdas as partes do mundo, modificou a estação de Nauen para a sua actual potência que abraça todo o universo e elevou o seu nome ao primeiro plano da consideração universal

O mesmo se pode dizer sobre os aparelhos Telefunken para a recepção de rádio: receptores, alto-falantes e válvulas pois tem a vantagem da uniformidade: desde o emissor até ao seu ouvido, tudo do mesmo fabricante, tudo Telefunken

Peça em qualquer casa da especialidade que lhe mostre e faça uma demonstração dos aparelhos Telefunken. Existe sempre uma instalação Telefunken para qualquer gosto, qualquer exigência e qualquer bolsa



TELEFUNKEN

A MAIS ANTIGA EXPERIENCIA

A MAIS MODERNA CONSTRUÇÃO

Peça V. Ex.^a uma demonstração aos nossos agentes ou directamente á

LISBOA

Rua dos Fanqueiros, 12-16

AEG

PORTO

Rua Sá da Bandeira, 209-215

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00

1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Graue:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneiros, desde os do Marquês de Santillana...

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui».

À VENDA NAS LIVRARIAS

E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

ACABA DE APARECER

REFORMA DO CODIGO CIVIL

(Dec. n.º 19:126, de 16 de Dezembro de 1930)

Inserindo o texto integral que altera diversos artigos do Código Civil e também a explicação ou justificação sumária das várias alterações segundo a nota officiosa fornecida pelo Ministério da Justiça.

PREÇO 8\$00 Esc.

Pelo correio, à cobrança, mais 1 escudo

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

LISBOA

HISTORIA DE PORTUGAL

DE

ROCHA MARTINS

(2.ª EDIÇÃO)

D. Duarte (O Eloquentes)

As tendências do rei e a de seus irmãos — A Rainha — O Cabo Bojador — Expedições a Tanger — A igreja e Portugal — O exército da conquista — O Infante Santo — O resgate do Infante.

REGENCIA DO INFANTE D. PEDRO

O testamento de Dom Duarte — Os partidos rivais — Tumultos na capital — Os príncipes de Avis — As lutas em Castela — O regente — As novas conquistas — O Infante Santo — A casa de Bragança — Fim da regência.

A 2.ª EDIÇÃO

«**Historia de Portugal,**
de ROCHA MARTINS

Encontra-se já à venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho, 10. **Preço 35\$00 escudos.** Envia-se pelo correio contra reembolso de Esc. 38\$00.

A' Classe Forense

CODIGO DO PROCESSO CIVIL ACTUALIZADO E COMENTADO

Esta notável obra, da autoria do distinto advogado dr. Azevedo Souto, acompanha em comentário todos os artigos do Código, inserindo no lugar próprio toda a legislação respectiva em vigor, e encerra, ao lado da doutrina, a mais importante e moderna jurisprudência.

O 2.º vol. é posto à venda em Janeiro.

Preço do 1.º vol. 60\$00

À VENDA NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11 — LISBOA

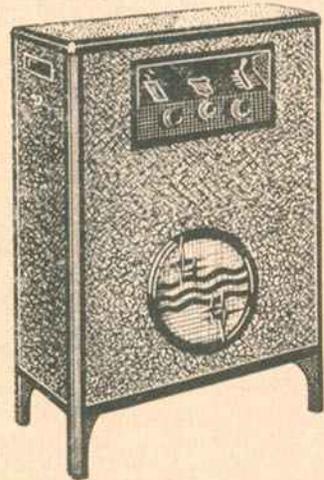
GRANDES ARMAZENS DO CHIADO

— SECÇÃO DE RADIO —

Revendedores na sua séde,
e brevemente em todas as suas filiais,
de todo o material

PHILIPS RADIO

Nesta secção continua a venda de aparelhos
receptores com pequenos defeitos e peças soltas,
com abatimentos que atingem **75 %**.



UMA VERDADEIRA PECHINCHA PARA OS AMADORES

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc.

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone T. 72

UM ARGUMENTO DE PEZO



Mais de 150 anos

de justificada fama, garan-
tem ser a **FARINHA
DE S. BENTO** um po-
deroso alimento não só para
crianças como para pessoas
de tôdas as idades e, em
especial, fracas ou idosas.
Vende-se em todos os bons
estabelecimentos e no Depô-
sito Geral: R. DE S. BENTO,
374 — LISBOA. — Telefone
Norte 3670

OLHAR QUE FASCINA

Com o ondulator **KURLASH** das pestanas

Que é um engenhoso aparelho que permite
com o *Fard Rodal Cosmético*, em alguns
segundos, arquear as pestanas tal como
nós vemos nas artistas de filmes norte ame-
ricanos. Transforme as suas pestanas em
fartas e longas com os productos **VILDI-
ZIENNE** e ondule-as com **KURLASH**.
Use na toilette da noite *Creme de Massagem
Rainha da Hungria* e da toilette diaria,
Agua, Creme, Rouge e Pó d'Arroz da grande
marca *Rainha da Hungria*, 5 amostras
10\$00, pelo correio 12\$00 que embelezam



Rejuvenesce, Eterniza a mocidade!

Peça catalogo gratis

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

— As mais luxuosas instalações —

Directora: **M. me CAMPOS**



AVENIDA DA LIBERDADE, 35

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa

A série da ANTOLOGIA PORTUGUESA, que virá a constar de uns trinta volumes, pelo menos, não será apresentada ao público com numeração editorial. Cada possuidor a ordenará como entenda, ou cronologicamente, ou por poetas e prosadores, segundo o seu critério e vontade.

VOLUMES PUBLICADOS:

MANOEL BERNARDES, dois volumes.
 ALEXANDRE HERCULANO, 1.º volume.
 FREI LUIS DE SOUSA, 1.º volume.
 BARROS, 1.º volume.
 GUERRA JUNQUEIRO, verso e prosa, um volume.
 TRANCOSO, um volume.
 PALADINOS DA LINHAGEM, três volumes.
 FERNÃO LOPES, três volumes.
 LUCENA, dois volumes.
 EÇA DE QUEIROZ, dois volumes.
 AUGUSTO GIL, um volume.
 CAMÕES LÍRICO, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
 ANTERO DE FIGUEIREDO.
 AFONSO LOPES VIEIRA.

EM PREPARAÇÃO:

CAMÕES LÍRICO, 5.º volume.

Cada volume brochado . . Esc. 12\$00
encadernado ,, 16\$00

Dirigir pedidos ás

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

**Aos Estudantes dos Liceus
e aos Professores**

Recomenda-se a Coleção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|--|-----------------------------|
| 1— Camilo Castelo Branco
(2.ª edição) | 16— Gil Vicente |
| 2— Fialho de Almeida (2.ª
edição) | 17— Camilo e o Centenário |
| 3— Os melhores sonetos bra-
sileiros (2.ª edição) | 18— Júlio Denis |
| 4— Alexandre Herculano | 19— Júlio Dantas |
| 5— Gomes Leal | 20— Ex-libris |
| 6— Eça de Queiroz | 21— Sonetos contemporâneos |
| 7— Guerra Junqueiro | 22— Sá de Miranda |
| 8— Eugénio de Castro | 23— Nicolau Tolentino |
| 9— Os eternos sonetos de
Portugal | 24— Garcia de Rezende |
| 10— A Batalha (2.ª edição) | 25— Latino Coelho |
| 11— Bocage | 26— Soror Mariana |
| 12— Marcelino Mesquita | 27— Ramalho Ortigão |
| 13— As mais lindas quadras
populares | 28— D. João da Câmara |
| 14— António Nobre | 29— H. Lopes de Mendonça |
| 15— Marquesa de Alorna | 30— A Cerâmica |
| | 31— Cartas de Soror Mariana |
| | 32— Júlio Cesar Machado |
| | 33— Manuel Bernardes |
| | 34— Gonçalves Crespo |
| | 35— Fernão Lopes |

Preço de cada volume da coleção: 2\$50

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.º 10 e 11 e nas outras livrarias.

**Os bebês de hoje são
os alicerces
da raça**



Oh, Mães extremosas! Procurem fazer com que os seus filhinhos cresçam saudios, robustos, com toda a vivacidade.

A Maizena Duryea oferece os meios para V. S. preparar pratos que os bebês acharão deliciosos e que são ao mesmo tempo nutritivos e de facil digestão.

A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necessarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no entanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã.

Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se encontram as receitas de muitos pratos especiaes para os bebês, além de muitos outros, deliciosos e alimenticios para toda a familia. Com prazer o enviaremos gratuitamente.

Carlos de Sá Pereira, Limitada
R. Arco Bandeira, 115—LISBOA

Nome _____
Rua e No. _____
Cidade _____

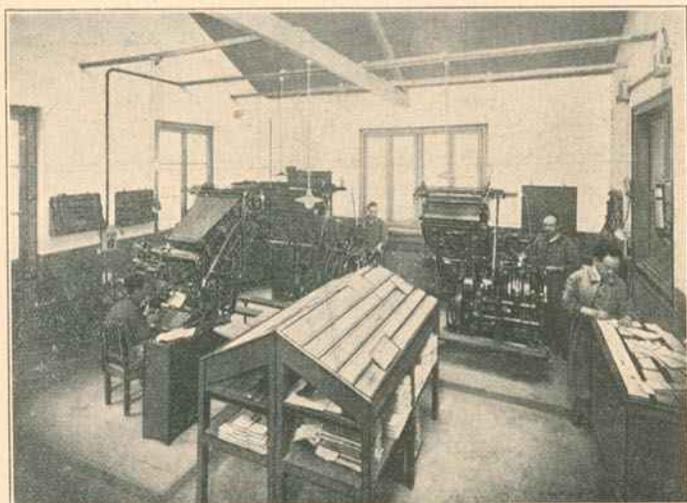


**MAIZENA
DURYEA**

**MAAGAZINE
BERTRAND**

**CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA**

LEIAM O NÚMERO DE FEVEREIRO



Sala das máquinas "Linotype"

Sociedade Gráfica Editorial

S. A. R. L.

Rua da Alegria, 30
LISBOA

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS DE
GRANDE ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS

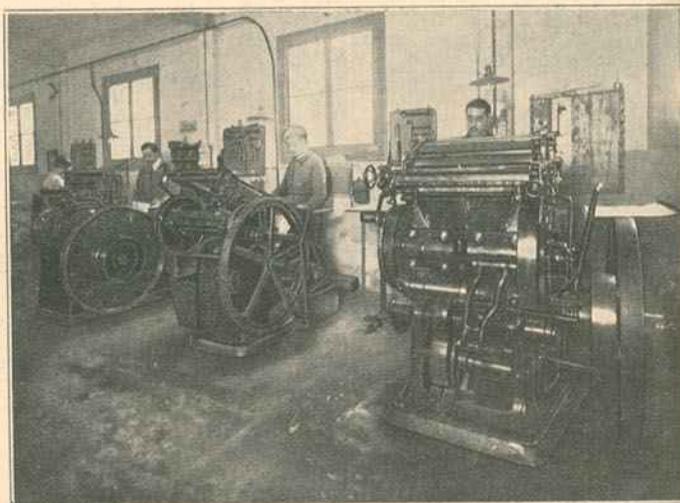
As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem ~ ~ ~

SECÇÃO ESPECIAL
DE PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS ULTRA-
- - - RÁPIDAS - - -

COMPOSIÇÃO MECANICA

E' nas oficinas desta Sociedade que se imprimem todos os belos trabalhos gráficos de

Ilustração, Magazine
Bertrand, O Volante,
Historia da Literatura
Portuguesa (Ilustrada),
O Comercio Português,
Revista Aéronáutica
Almanach Bertrand



Uma fase da oficina de impressão



Clarion Radio

IMPÕE-SE POR SI PROPRIO!

**Causa assombro a sua incontestavel superioridade
técnica aliada a uma modicidade
de preço tão atraente**

A Transformer Corporation of America fabrica nas suas modernas fabricas automaticas
todas as peças que formam o receptor completo

Os seus vastos e experientes laboratorios de engenharia
garantem ao possuidor do CLARION

O maior valor de radio hoje existente no mercado

Modêlo C. A. 51

LINDISSIMO MODELO EM RICAS
MADEIRAS DE NOGUEIRA E SETIM
ALTURA, 1 METRO; LARGURA, 0,767
FUNDO, 0,37

INCLUINDO TODOS OS MAIS RECENTES
APERFEIÇOAMENTOS

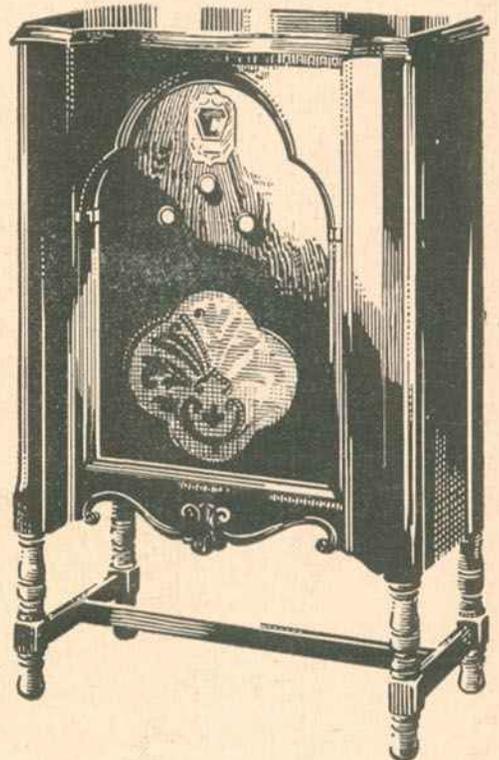
8 LAMPADAS

(3 de grelha blindada)

SELECTOR DE TOM
AMPLIFICAÇÃO «PUSH-PULL»
COMUTADOR DISTÂNCIA-LOCAL
REGULADOR AUTOMÁTICO DE VOLTAGEM
DISPOSITIVO PARA REPRODUÇÃO FONOGRÁFICA
VOLUME DE SOM TEATRAL

Completo com lampadas 4.800\$00

Audições sem nenhum encargo no Studio CLARION, em vossa
- - casa ou ainda em confronto com qualquer outra marca - -



Representantes gerais em Portugal da Transformer Corporation of America

CASA SERRAS

Rua da Madalena, 109 - LISBOA



Os vigorosos de setenta annos

Bello espectáculo é o de um casal de
velhos bem conservados e alegres.

Fala-se muitas vezes da idade de: «esses dias aos quaes se não pode voltar». Velhice e sofrimento, são pois inseparaveis?

É certo que em nossos velhos dias expiamos todas as nossas faltas. Mas não é menos certo que uma alimentação racional evita muitos incomodos.

O aparelho digestivo envelhece com o homem; aquelle perde a sua elasticidade e não assimila os alimentos d'uma maneira tão completa como na mocidade.

Conclusão? Ter uma alimentação que seja ao mesmo tempo de grande valor nutritivo e de facil digestão.

E é justamente aqui que a Ovomaltine está particularmente indicada. A Ovomaltine não é outra coisa que a concentração dos valores nutritivos dos alimentos mais substanciaes: o leite, o extracto de malte, os ovos e o cacau. Uma chavena d'Ovomaltine é mais nutritiva que doze chavenas de caldo.

A Ovomaltine é tolerada pelos estomagos mais debeis que a assimilam proveitosamente. É uma verdadeira fonte d'energia para a velhice e para os que d'ella se acercam.

Uma chavena d'Ovomaltine, de manhã ao primeiro almoço, preserva dos incomodos da idade



A **OVOMALTINE**

é a saude

À venda em todas as pharmacias e drogarias

Dr. A. WANDER. S. A., BERNE

Unico concessionarios para Portugal

ALVES & Ca. (IRMÃOS)

Rua dos Correeiros, 41-2º

Lisboa



ILUS TRA ÇÃO

Ano VI ————— N.º 123

1 de Fevereiro de 1931

Director-Delegado: José Carlos da Silva
Director: João de Sousa Fonseca
Editor: Francisco Amaro

Redacção: RUA CECILIO DE SOUSA, 77, 1.º —
Telef. 2 1467 ... Composição e impressão:
RUA DA ALEGRIA, 30 — Telef. 2 0537 ...
Assinaturas e Administração: RUA DO DIARIO
DE NOTICIAS, 78 — Telef. 2 3132 ... Publi-
cidade: RUA ANCHIETA, 25 — Telef. 2 0535 ...
Propriedade e edição de Allaud, Ltd.ª e Em-
presa Nacional de Publicidade — LISBOA.



PERDIDOS!!

O aviador americano Mae Laren e a linda Mrs. Beryl Hart partiram das Bermudas

para os Açores, intentando a travessia do Atlântico. Como tantos outros mártires, perderam-se no desconhecido, em meio duma tormenta.

(Foto Orriol)

CRONICA DA QUINZENA

O noticiário avulso dos jornais é um opulento manancial de tragédias pungentes e de farsas regosijantes. Entre dois filetes tipográficos, compostos em tipo cançado, assomam à luz da publicidade retalhos obscuros de vidas ignoradas, tôdas as misérias dos que sofrem, as insolências que dominam. Peguemos num jornal... um jornal qualquer... Aqui, ali, acolá, por tôda a parte, coisas interessantes. Uma delas, um telegrama. Diz assim:

LONDRES, 17 — O tribunal de Old Bailey condenou à morte uma mulher de trinta e sete anos, mãe de quatro filhos, acusada de ter

morto à nascença o quarto. Como a condenada se encontra em adiantado estado de gravidez, a sentença só será executada depois de nascer a criança. — Fabra.

Isto apenas. E estamos em 1931, o século da paz, das emancipações sociais e do restabelecimento dos Estados Pontifícios.

E logo nos dias seguintes os meus olhos procuram, ardentemente, as notícias do Vaticano. Certamente que a piedade havia de nascer para a triste criminoso-mãe. Ansioso, leio, dias depois, telegramas de Roma. Liiz o mais importante:

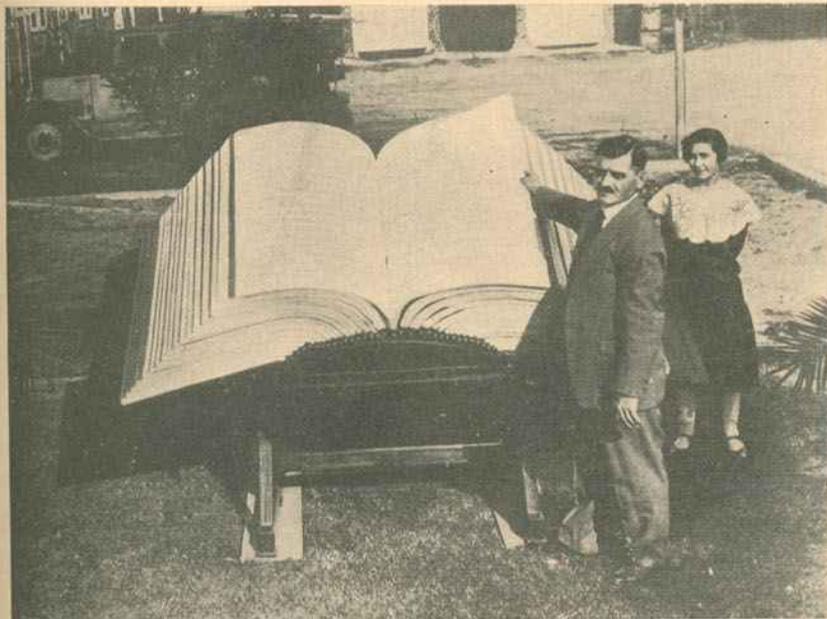
ROMA, 21 — O *Osservatore Romano* denuncia como imoral a Exposição de Arte que se celebra em Roma, por causa dos numerosos nus que nela figuram. Adverte a juventude católica de que a não deve visitar...

E etc., etc., etc...

Quando será executada a triste mãe de Londres?

A. C.

A MAIOR BIBLIA DO MUNDO



REPRODUZIMOS hoje uma curiosa fotografia da maior Bíblia do mundo, que é, decerto, também, o maior livro conhecido. Executou-a Louis Waynal, inteiramente desenhadas tôdas as letras que compõem as suas 8.048 páginas, cujo formato se pode avaliar pela simples compara-

ção com a estatura do seu autor. Este trabalho, cuja utilidade nos parece discutível, levou dois anos a realizar e pesa 1.004 arráteis. É o que se chama um trabalho... de tomo... e de péso.

(Foto Orriol)

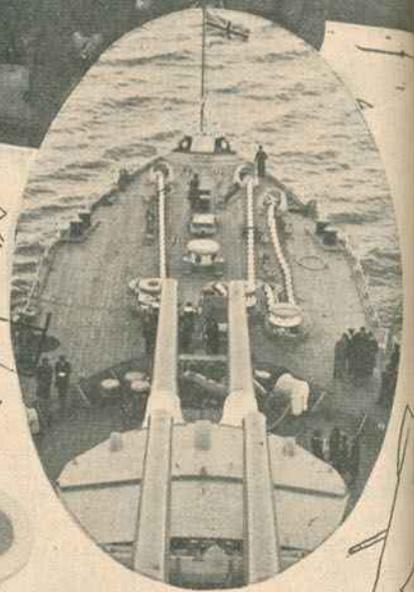
A REVOLTA HINDÚ

A recente inquietação nacionalista teve as primeiras vítimas. Sir Geoffrey de Montmorency, governador do Punjab, foi gravemente ferido por ocasião de tumultos na inauguração da Universidade de Lahore, em que dois oficiais ingleses foram mortos.

(Foto Orriol)



Esquadra Ingleza no Tejo



A NOSSA
VELHA ALIADA MANDOU
HÁ POUCO AO ESTUÁRIO DO
TEJO, EM HONROSA VISITA DE COR-
TEZIA INTERNACIONAL, UMA ESQUADRA DA
SUA POTENTE ARMADA. ÀS HOMENAGENS DO
ALMIRANTE, DOS OFICIAIS E PRAÇAS AOS NOSSOS
MORTOS DA GUERRA, AS FESTAS OFICIAIS E PAR-
TICULARES, O PITORESCO DOS MARUJOS DESEMBAR-
CADOS, FORAM AS NOTAS PREDOMINANTES DO INÍCIO
DA QUINZENA QUE PASSOU. O POVO LISBOÊTA PER-
CORREU, CHEIO DE CURIOSIDADE, OS MAGNÍFICOS
BARCOS, NUMA VISITA DE EXCEPCIONAL INTERESSE,
AGORA QUE SE ANUNCIA QUE TAMBÉM VAMOS, FI-
NALMENTE, MANDAR CONSTRUIR NAVIOS DE
GUERRA, POR COINCIDÊNCIA DOS TIPOS
REPRESENTADOS NA ESQUADRA
QUE NÓS HONROU, VISI-
TANDO-NOS

VEJAM!...

OS CAPACES DE AÇO

Carrossa fotografada que reproduz uma das manifestações
 histéricas. Com a filma de Alcega, contra o colégio do filme
 Nota de novo no fronte escultural segundo o romance de E. M. Remarque

MISS PARIS 1931

Entrado o novo ano, reencruza o afan de eleger Misses por toda a parte. Paris levou a palma a todos, pois que já proclamou mademoiselle Ortuons, que aqui vemos a passear nas Tulherias, Miss Paris 1931. Parabens ao senhor empresário De Walleff



GREVE DOS MINEIROS

NO OVAL, à direita — Damos a vera effigie de Mr. Cook, secretário da Federação Inglesa dos Mineiros, que, esgotadas todas as mediações, pediu a intervenção do Governo para a resolução da greve nas minas

(Fotos Ortuos.)

HONRAS MERECIDAS

Publicamos hoje (à direita) o retrato do coronel Mário de Campos distinto escritor e muito ilustre professor da antiga Escola de Guerra, que tem publicado na Revista Militar trabalhos notáveis sobre o Potencial de Guerra Sul-Americano, e a quem o coronel Eduardo Fernandez Valdés, Chefe do Estado Maior General do Exército Argentino acaba de dirigir uma comunicação oficial bem honrosa, manifestando-lhe, assim, a muita admiração e alto apreço pelo seu estudo: A Argentina — Lançar de olhos sobre o quadro da sua riqueza nacional



CONDESSA DE NOAILLES

A excelsa poetisa francesa acaba de ser nomeada comendadora da Legião de Honra. É a primeira vez que uma senhora recebe tal honraria



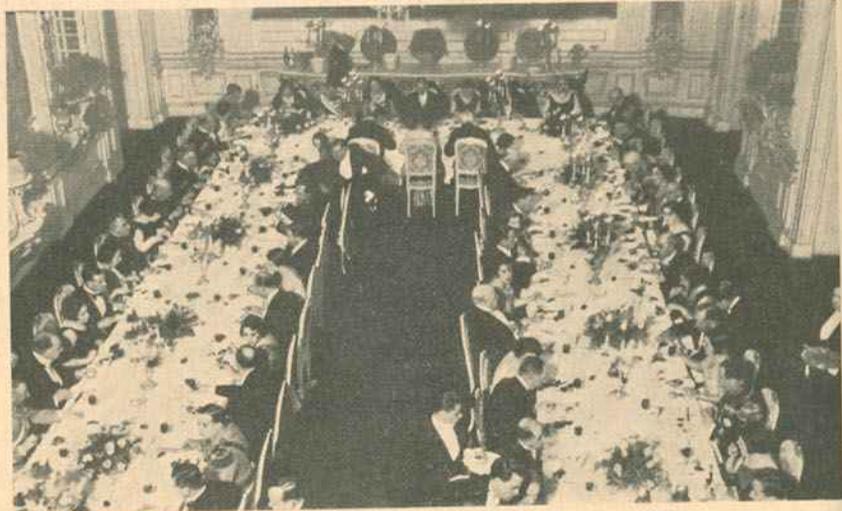
UM FRADE ESCULTOR

O monge beneditino Paulo, do mosteiro de Lerins (França), revive as velhas artes dos monges renascentistas. Os seus labores escultóricos têm ar de inspiração superior. Vemo-lo na foto acabando a imagem de Santa Teresa de Lisieux encomendada pela rainha da Itália

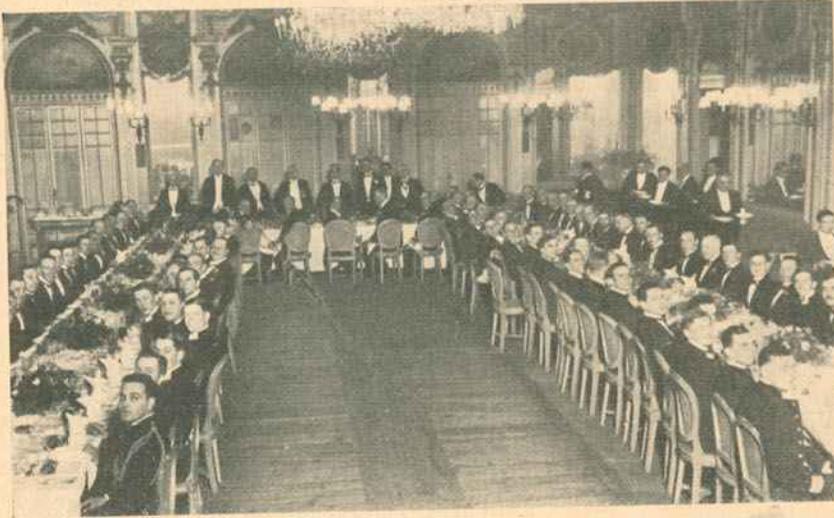
VEJAM!...



**VIDA
SOCIAL
E
MUNDANA**



ASPECTO DO BANQUETE DE GALA REALIZADO NO MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS (PALÁCIO DAS NECESSIDADES) E OPERECIDO PELO TITULAR DAQUELA PASTA, COMANDANTE FERNANDO BRANCO, À OFICIALIDADE DA ESQUADRA INGLESA SURTA NO TEJO E ALTAS INDIVIDUALIDADES DIPLOMÁTICAS



BANQUETE REALIZADO NAS SALAS DO PALÁCIO DE S. LUÍS EM HONRA DA OFICIALIDADE DOS BARCOS DA ESQUADRA INGLEZA QUE VISITOU O TEJO E A QUE ASSISTIRAM OS SENHORES EMBAIXADOR DE INGLATERRA E MINISTRO DOS ESTRANGEIROS



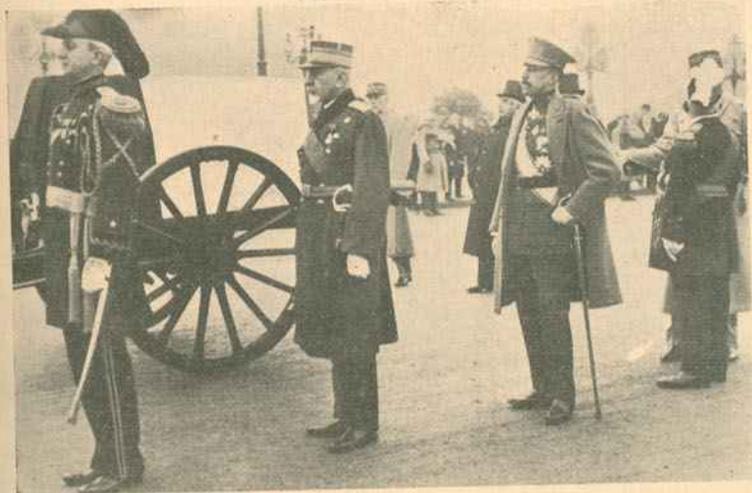
UMA DAS NOTAS MUNDANAS MAIS ALEGRES E GENTIS DA QUINZENA FORAM AS REUNIÕES ELEGANTES A BORDO DOS BELOS BARCOS DE FROTA DE GUERRA INGLESA. AS MAIS DISTINTAS FAMÍLIAS DE NOSSA SOCIEDADE, CONVIDADAS PELA OFICIALIDADE INGLESA, FEZERAM PONTO DE REUNIÃO NOS VÁRIOS NAVIOS DA ESQUADRA ONDE, EM GRUPOS DE GARRULOCIDADE E SUGESTIVA ELEGÂNCIA, SE CONVERSOU E SE FIZERAM PROJECTOS E ILUSÕES...



ELEGANTE CASAMENTO DA EX.^{ma} SR.^a D. MARTY PIRES DA CUNHA E DO SR. JOAQUIM PEPEIRA DE GOUVEIA, DA MELHOR SOCIEDADE DE LORENÇO MARQUES, EFECTUADO ULTIMAMENTE NAQUELA CAPITAL ULTRAMARINA PRESIDENDO À CERIMÓNIA O RUY.^o P.^o ALVES MARTINS



OS FUNERAIS DO GRANDE MARECHAL

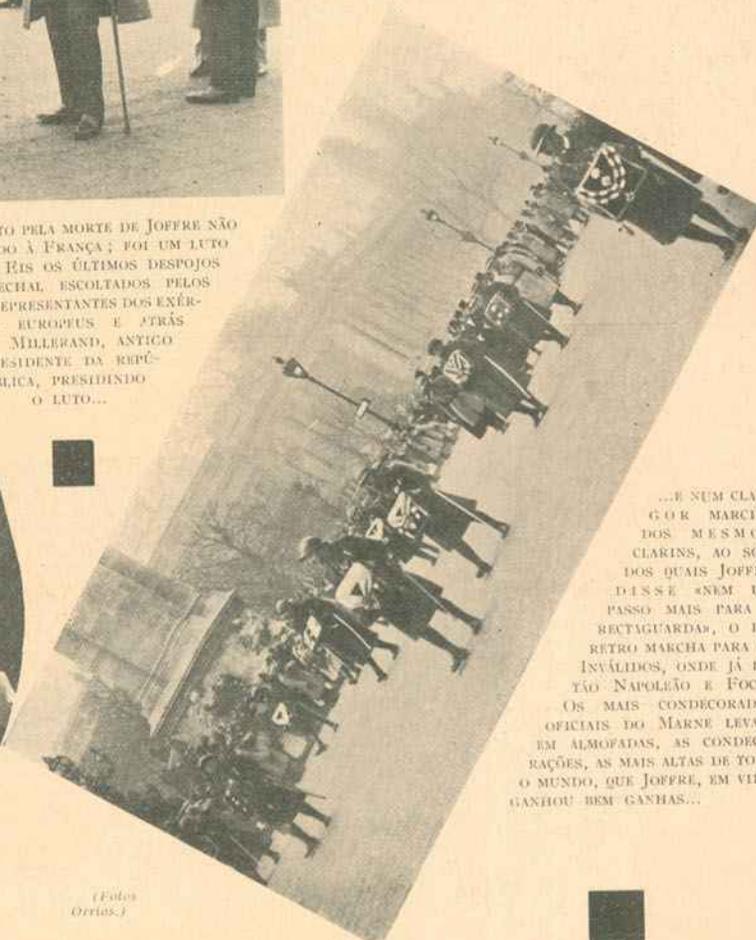


JOFFRE VAI REPOUSAR DA SUA VIDA HERÓICA. EM PRENTE AO «GRAND PALAIS» PASSA O IMPONENTE CORTEJO E TODOS OS PORTA-BANDEIRAS DOS REGIMENTOS QUE SE BATERAM, TEMERARIAMENTE, NO MARNE, EMPUNHAM DE NOVO AS SUAS GLORIOSAS INSIGNIAS EM HOMENAGEM DE BERRADEIRA AO CHEFE QUE OS LEVOU À IMORTALIDADE PELA SUA MÃO FORTE E DECIDIDA

O SENTIMENTO PELA MORTE DE JOFFRE NÃO FOI LIMITADO À FRANÇA; FOI UM LUTO MUNDIAL. RIS OS ÚLTIMOS DESPOJOS DO MARECHAL ESCOLTADOS PELOS ALTOS REPRESENTANTES DOS EXÉRCITOS EUROPEUS E AFRÁS MR. MILLERAND, ANTIGO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, PRESIDINDO O LUTO...



COM O POVO FRANCÊS, FOI ALÉM DA ESPETACULAR CERIMÔNIA OFICIAL. O SEU CULTO PELO HOMEN CENIAL QUE SALVOU A FRANÇA TRADUZ-SE NA INGENÚA COMPRA DE RETRATOS POPULARES DO MARECHAL QUE OS «PELUDOS», CEGOS NA GUERRA, VENDEM POR TÓDA A PARTE



...E NUM CLANGOR MARCIAL DOS MESMOS CLARINS, AO SOM DOS DUAS JOFFRE DISSSE «NEM UM PASSO MAIS PARA A RECTAGUARDA», O FÉRETRO MARCHA PARA OS INVÁLIDOS, ONDE JÁ ESTÃO NAPOLEÃO E FOCH. OS MAIS CONDECORADOS OFICIAIS DO MARNE LEVAM, EM ALMOFADAS, AS CONDECORAÇÕES, AS MAIS ALTAS DE TODO O MUNDO, QUE JOFFRE, EM VIDA, GANHOU BEM GANHAS...

(Fotos Ortis.)

VEJAM!...



**Pitorescos
de
Paris**

A grande capital do luxo é, também, uma grande cidade de trabalho e de luta pela vida. E sendo assim, existe ali, como em toda a parte, a falta de ocupação, a carência de empregos. Por isso, todos os dias, os que buscam trabalho se aglomeram ante os grandes quadros onde se afixam os pequenos anúncios pedindo empregados.

(Foto Orrico)



**Um drama-
turgo**

Eberhard König, o genial dramaturgo de *Philippo Lippi*, *Stein e Gentler*, *Tod*, fez há poucos dias 60 anos. Tal como quasi todos os génios do teatro moderno, König é desconhecido em Portugal.

(Foto Orrico)

**Quatro
artistas**

No Salão Hübner expuseram belos trabalhos quatro artistas que começam com a ânsia do triunfo e o direito a obtê-lo. São eles: Manuel Lima, Alvaro Perdigão, Amélia de Sousa Moraes e José Contente.

(Foto Ilustração)

Os nossos humoristas

AVIAÇÃO



Um melro



Um pardal



Um papagaio



Um rouxinol

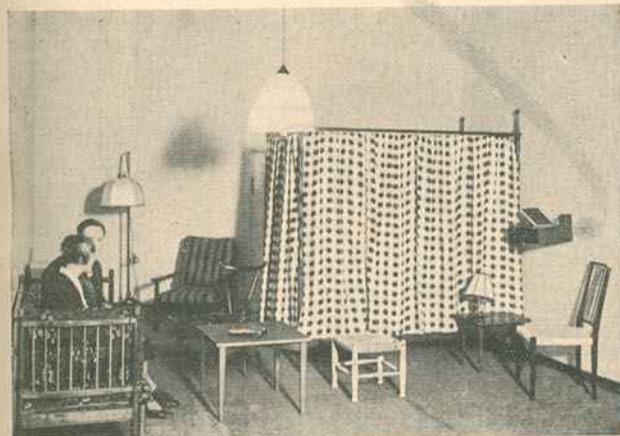


A ARTE DE HABITAR...

Os vieneses acabam de presenciar um primoroso certame intitulado *A arte de habitar...*

Realizou-se uma exposição curiosa do conforto e o bom gosto no lar, demonstrando-se que são coisas distintas da riqueza. *Em cima* — Um quarto reproduzindo o de Maria Teresa, quando jovem, no seu palácio de Viena (bárego austríaco, 1730). *Em baixo* — Um modelo moderno, modestíssimo, desenhado pelo professor Josef Frank e que é deliciosamente original e delicado.

(Foto Orrios)



HERMES FONTES

O genial poeta brasileiro que acaba de pôr fim à vida por trágicos motivos sentimentais.

(Foto «En Via»)

(da vida das aves)

por TOM



Um galo



Um marreco



Um pato



Uma perú...



O sport mais moderado: o tennis sobre o géllo, que se pratica na Pensilvânia. As disputantes do campeonato, Misses Anita Liggett e W. N. Beeze. (Foto Orrius.)

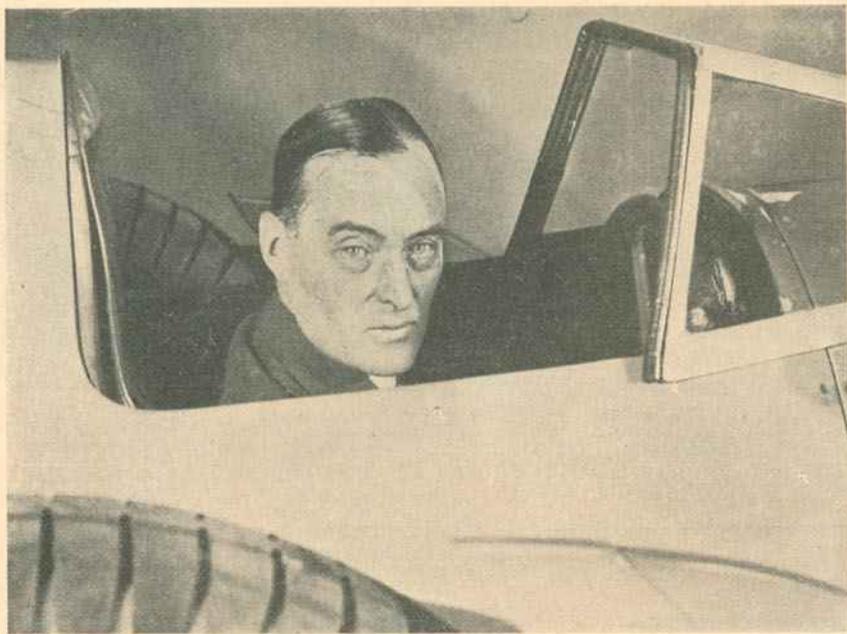
NOTA A ARRIR

O congresso da Federação Portuguesa de Atletismo, realizado há dias, occupou-se do problema da nossa representação nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932.

coiça e preparação a entidade técnica e moralmente competente, e esta só pode ser a respectiva Federação Nacional. A ela compete todo o trabalho, sem a mínima interferência do Comité Olímpico; este, tem como papel único—e já não é pouco—garantir o transporte e a estadia dos homens apurados, em condições que lhes assegurem o máximo do rendimento, coisa que nem sempre succedeu, a-pesar dos auto-rêclames na imprensa.

Quão curioso seria colher, sobre a forma de assistência que receberam em Amesterdão, os depoimentos dos atletas olímpicos de 1928?

Com a lição do passado podemos evitar futuros erros; a Federação deverá nomear criatura ou criaturas de competência técnica encarregadas unicamente da preparação olímpica, admitir apenas a participação dos atletas que julgue qualificados, fiscalizar as condições que lhes são proporcionadas exigindo para elles e desde o momento da partida, cuidados competentes; caso contrário interditar-lhes a viagem porque se não pode permitir que a sombra da representação atlética portuguesa, e em seu prejuizo, haja mais um a seguir viagem.



O capitão Malcolm Campbell vai tentar bater o recôrde de velocidade em auto, que pertence a Scudrace, Realizará a prova em Daytona Beach. (Foto Orrius.)

O assunto foi oportunamente levantado, porquanto se avizinha a época de preparação e escolha de quaisquer possíveis representantes e sobre critérios a adoptar se publicaram já opiniões de resto insensatas como quasi tudo que sai da pena que as escreveu. É indispensável conferir os poderes de es-

UM BELO EXEMPLO

Visitou-nos em meados do mês findo uma esquadra inglesa bastante numerosa. Desde o dia da chegada até ao dia da partida, grupos de marinheiros seus, disputaram provas desportivas, em tôdas as modalidades praticáveis na estação.

Foot-ball, rugby, hockey, golf e tennis foram motivo de agradáveis encontros numerosos e diários, em equipas, portuguesas ou compostas por ingleses residentes no nosso país.

Não houve entre nós quem salientasse o belo exemplo de desportivismo que esta actividade representa; prova flagrante da penetração íntima do desporto na vida da nação inglesa.

Para os nossos visitantes o desporto constitui o melhor dos divertimentos durante os dias de escala, e em cada um dêles havia um praticante.

Quando será assim em Portugal? Quando poderemos considerar normal a prática do desporto e apontar como um fenómeno o sedentarista impenitente?

PROFISSIONALISMO

A oito dias de intervalo os congressos das federações de foot-ball francesa e portuguesa foram chamados a apreciar a criação do profissionalismo no seu desporto.

Em França o problema foi encarado com a maior largueza e, arredando situações intermediárias, adoptada a solução extrema. Em Portugal todos sabem como as coisas se encaminharam.

Alastra assim, através o universo footballístico a vaga do profissionalismo que os interesses financeiros ligados a esse desporto, tornaram uma necessidade. A impulsioná-la vem sempre, como bandeira de fé, o desejo de salvaguardar a honestidade das hostes amadoras.

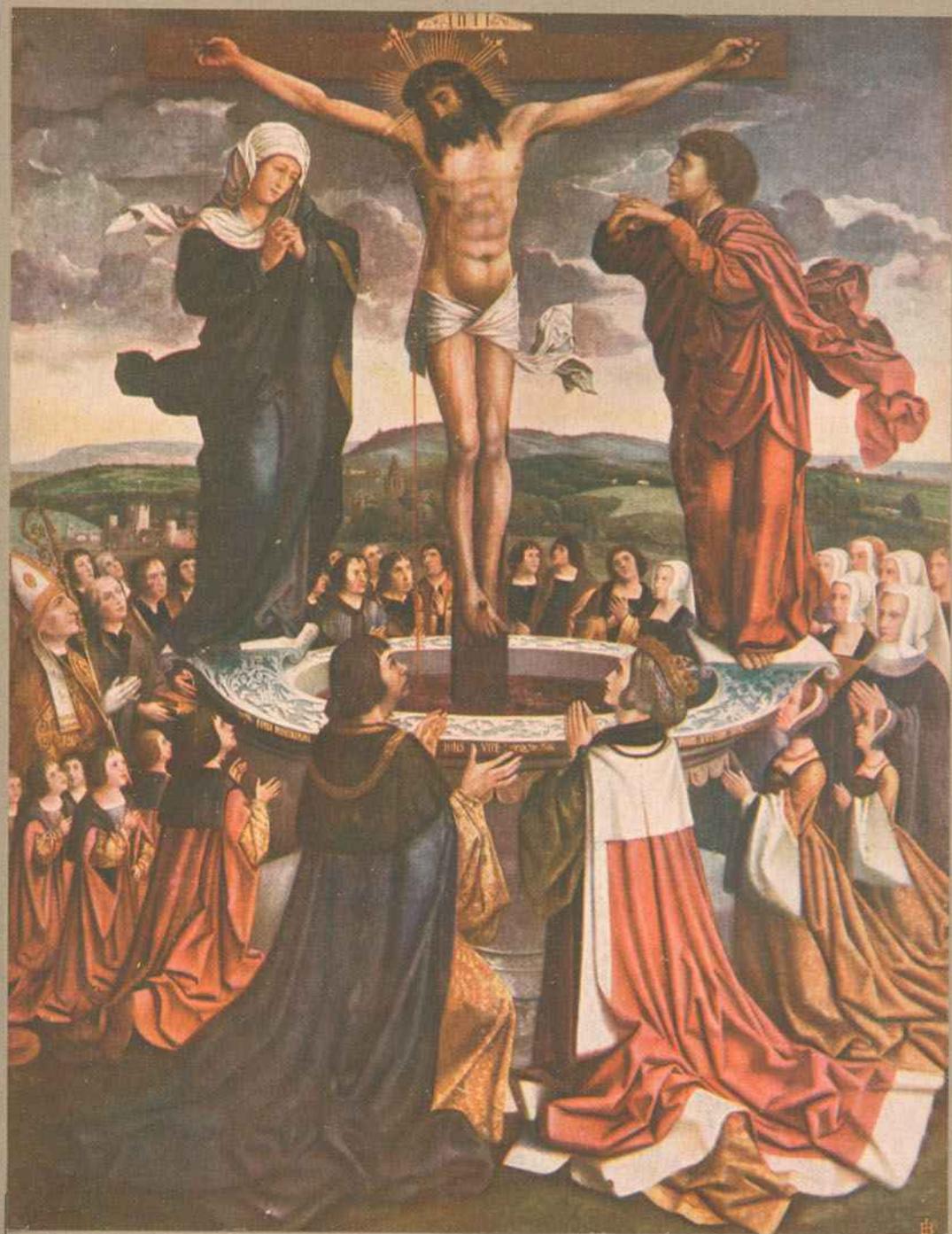
Tudo não passa, porém, de belas intenções e idealismos utópicos; haja ou não haja profissionais, haverá sempre amadores divididos e situações sofismadas; a não ser que se estabeleça a entrada pública para os jogos de amadores...

SALAZAR CARREIRA



A sr.ª Stewart, a mulher mais veloz do mundo, que bateu, no autódromo de Monthlery, o recôrde dos 100 quilómetros.

desportos



“FONS VITAE,,

Quadro de BERNARD VAN ORLEY (?)
(Século XVI)

Existente na Misericórdia do Pôrto

**SURPRESA!

A REVEVA**



M.ª Celeste Vitória Caldeira, talvez a mais jovem automobilista de Lisboa, no volante do seu soberbo «Hupmobile»

**REVEVA
PORTUGUESA
AO VOLANTE**

Porque gosta de guiar?... Está contente com o seu carro?...

CERTAMENTE, já notaram que os grandes assuntos não são aqueles que nós procuramos, mas sim aqueles que vêm ao nosso encontro, que nos fazem a surpresa de aparecer diante dos nossos olhos. Pois, muito bem. Eu não andei à procura desta

reportagem... Foi o Destino (se o leitor admite que esse cavalheiro tem alguma interferência nos passos e atitudes da Humanidade) que colocou diante de mim o assunto que se desenrola nas seguintes páginas desta revista.

Tarde de sol, mas sol tímido, que teve de atravessar a neblina deste Janeiro, e, talvez por isso, faz frio em vez de nos aquecer. Subo a Avenida. As «sirenes» gritam afliti-



A ESQUERDA — M.ª Mary Cohen Espirito Santo, no seu «Ford» nervoso e rápido



A DIREITA — D. Luisa de Freitas, guiando, com autoridade, o seu «Hupmobile»



A ESQUERDA — Dr.^a Helena Calado, médica distinta, ao volante do seu «Buick»...



A DIREITA — ...é outra ilustre médica, dr.^a Sara Benoliel, no seu «Windsor» velocíssimo

vamente, anunciando «autos» em marcha vertiginosa. O orfeão da rua exige que eu atire os olhos, de quando em quando, para trás de mim. Corre, elástica, interminável, a serpente dos automóveis. Passa um *taxi*. Logo, um «auto», vermelho e errante como uma labareda a galope, foge sobre o asfalto. Agora, um «auto», rápido e scintilante, guiado por uma senhora, vai a passar junto de mim. Levanto o braço... O carro pára, mesmo à beirinha do passeio. A seguir, pergunto à motorista:

— Acabo de ter a tentação de fazer uma reportagem sobre as mulheres que guiam automóveis em Lisboa. Pode auxiliar-me, pode dizer-me, para começar, há quanto tempo guia o seu carro?

A resposta é logo disparada sobre mim. Estou, como se costuma dizer, numa hora feliz. Querem saber quem é a senhora com quem estou a falar? Nada mais, nada menos, do que a senhora que primeiro guiou automóvel em Lisboa, e, naturalmente, em Portugal. Sim. Na minha frente, ao volante do seu carro, está D. Margarida Mayer, sorridente e distinta, e responde-me isto:

— Ainda Lisboa andava de trem, já eu guiava o meu automóvel. A princípio, fazia-se um espectáculo de basbaques sempre que eu passava com o meu carro. Eu abri o caminho... Depois, vieram outras senhoras, outros carros, e, hoje, muito embora haja ainda quem se espante por uma mulher guiar «autos», são raros já os que param quando nós passamos.

— Nunca atropelou ninguém?

— Não.

— Está contente com o seu carro?

— Muito. Como vê, o meu «Peugeot», com muitos anos de idade, não faz má figura ao pé dos carros de marca mais recente. Vai a toda a parte sem desfalecimentos, sem cansaço nas subidas. Com êle tenho dado a volta ao mundo, e por nada o trocaria por outro carro, a não ser por um «201»... que é um «Peugeot» mais novo.

— E entende o seu carro como meio de transporte de luxo ou como meio de locomo-

ção para vencer, rápida e comodamente, distâncias?

— Eu lhe digo... Tenho o meu carro para passear os meus cães.

O diálogo terminou. No seu automóvel desapareceu, Avenida acima, a primeira senhora que guiou «auto» em Lisboa, e, por conseguinte, arrostou com a vida rotineira da capital. Agora, não posso, evidentemente, ficar parado, indiferente a este assunto, que principiou num instante de rara felicidade. Muito bem. Atiro-me para dentro de um *taxi*, corro o centro da cidade, à procura de lindas senhoras que sigam ao volante dos seus carros.

Tenho, agora, na minha frente, D. Mary Cohen, senhora da sociedade. Dentro de um «cabriolet» *Ford*, elegante e lúcido, dando



D. Margarida Mayer, a mais antiga «cartas feminina» de Lisboa, surpreendida no seu possante carro «Peugeot»

a impressão de uma ave a correr sobre o asfalto, estaca ao alcance da nossa primeira pergunta:

— Guia automóvel há muito tempo?

— Há cinco anos.

— Levou muito tempo a aprender?

— Quinze dias, aproximadamente.

— Que lhe parece o movimento cidadão?

— Um aborrecimento... Tenho a impressão de que, entre nós, se vem dormir para a rua...

O *taxi* que aluguei dá mais algumas voltas. Outra senhora que passa ao volante do seu carro. É a doutora Sara Benoliel, a médica que toda a Lisboa conhece, e que me diz isto para esta reportagem:

— Adoro, mas conscientemente, a velocidade. Acho que é preciso vencer o tempo. Que penso do movimento? Tenho a impressão de que Lisboa precisa de ir aprender a andar ao estrangeiro...

— Gosta do seu *Windsor*?

— Muito. É rápido, nervosíssimo, uma verdadeira flecha. Devo-lhe imensas vitórias sobre o tempo. E se o não tivesse como colaborador não teria arrancado tantos doentes à morte!

Na rua do Ouro, à hora doirada, respondo-me assim a doutora Helena Calado:

— Guio o meu automóvel para que os meus doentes não se queixem de mim... Acredite que não atropelou ainda alguém. Outro dia, meti um susto com o guarda-lama a uma cliente minha... Nada mais...

— O que pensa do seu *Buick*?

— Penso o mesmo que se costuma pensar de um servo que está sempre disposto a fazer tudo quanto lhe ordenamos.

Esta reportagem é um filme que necessita mais algumas cenas. Cá vou, no meu *taxi*,

ao volante do automóvel e, por conseguinte, ao volante da vida.

Para exemplo, leia e releia esta resposta que nos desfechou a actriz Maria Helena, herdeira do talento de um casal de artistas, e ela mesma, inteligente e moderna, uma artista que não merece comparação com qualquer outra:

— Gosto de guiar — imenso! — mas enerva-me o movimento da nossa cidade. Já tenho encontrado — que e acreditar? — homens a lêr o jornal, muito vagarosos, que não me deixam correr. Ora, eu compreendo o automobilismo como um meio de vencer e escarnecer do tempo, e arrelia-me vêr perdulários de minutos, que resistem às leis de vertigem da nossa época!

— O seu Fiat é seu amigo?

— Imenso! É um tigre que sabe e gosta de devorar distâncias, mas quando eu quero, quando as minhas mãos ordenam, transforma-se num gato submisso.

Esta reportagem fechou, à beirinha do crepúsculo, por um feliz encontro com a actriz Corina Freire, agora uma das «estrelas» da Paramount nos seus filmes falados e cantados em português. Foi no Chiado. Ondas e ondas de transeuntes. Às portas dos cafés, os monólucos dirigem-se para os lábios pintados das que passam. Nos passeios, os peões acotovellam-se — e querem que lhes confesse? — eu não sei se o fazem por acaso ou por cálculo... A protagonista do primeiro fono-filme em português, salta do seu carro à porta da «Marques». Um sorriso... um apêto de mão... e responde-nos dêste modo:

— Eu guio o meu carro há pouco mais de um mês. Que penso eu do automobilismo? Mas, julgo-o uma maravilha do nosso tempo. Rapidez, luxo, comodidade. O automóvel é assim como uma pessoa muito nossa amiga, que nos faz vencer, rapidamente, as distâncias mais impossíveis. E acredite que não atropelou ainda ninguém. Adoro a velocidade, mas vou sempre muito devagar... O meu Windsor, que se deixa intimidar pelos travões, é um carro adorável, mas um pouco arisco. Ah! Debaixo

deste corpo scintilante de metais, parece haver uma alma — uma alma que sonha lousuras...

Vem a noite. Os cartazes luminosos gritam, ao alto, no Rossio. A música incessante das sirenes é, agora, mais intensa. As cortinas de ferro das casas comerciais são puchadas pelas mãos dos empregados. Lisboa acabou um dia mais de trabalho, e prepara-se para regressar a casa, enfim, para descansar.

Os eléctricos vão a abarrotar de pessoas que levam nos olhos ânsias de casas de jantar. Fico-me a ver os autos que passam. A Avenida parece uma serpente vertebrada de automóveis lusídios e muito vertiginosos.

Os motoristas dos carros que deslizam pela minha frente vão atentos, muito alerta com o movimento. Só vejo homens. O polícia sinaleiro dos Restauradores esbraceja, agora, muito mais. Parece um boneco com corda interminável. Os seus gestos são ordens. Todos obedecem. Ninguém quer atropelar e ninguém quer ser atropelado. As ondas de movimento são agora mais apertadas, mais compactas. O sinaleiro não descansa, não pára de fazer movimentos. Uma criança vem a cortar a rua. O polícia levanta um braço... mas é tarde. Um automóvel de marca trombeteada por intenso réclame, que trás ao volante um cavalleiro de grandes bigodes, atropelou a criança — matou-a! Falta de precaução? Talvez. A fatalidade quis atirar mais uma vida — e uma vida a desabrochar — para



Uma estrela do teatro. A linda Maria Helena, a actriz da moda, no seu «Fiat» magnífico

procura delas. No Rossio, êsse salão de festas de Lisboa, os meus olhos descobrem duas senhoras, ao volante, cada uma em seu carro, par a par, lado a lado. São mãe e filha. D. Luísa de Freitas e mademoiselle Maria Luísa Freitas da Fonseca. E, diz-nos a mãe, que guia um *Hupmobile*:

— Gosto de guiar o meu carro para chegar, depressa e comodamente, ao ponto a que me dirijo.

Mademoiselle Maria Luísa responde também, que guia um *Citroën*:

— Aprendi a guiar em pouco mais de uma semana. E, julgo, também, que a mulher, toda a mulher portuguesa, deveria aprender a guiar automóvel para aprender a vencer dificuldades... E sabe porque motivo? Porque, andando os homens tão devagar, entre nós, poderiam as mulheres vencê-los facilmente...

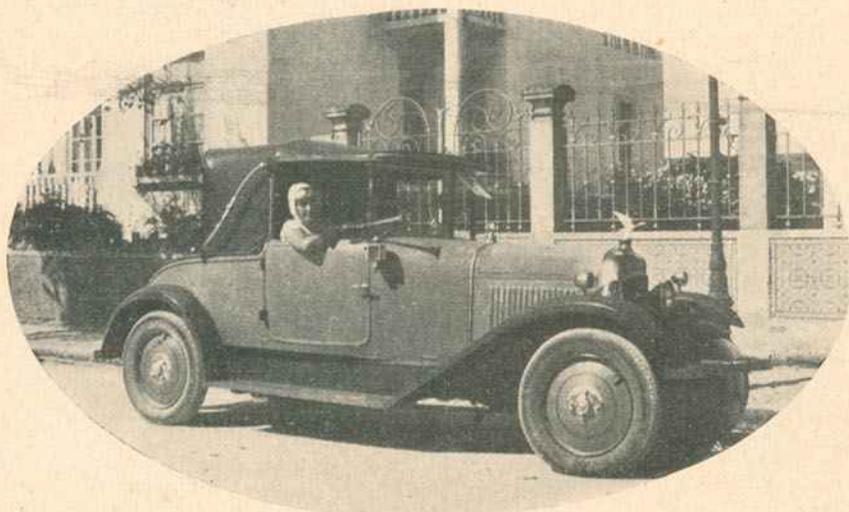
Mademoiselle Celeste Vitória Caldeira, elegante, e encantadora boneca, responde-nos isto, estacando o seu *Hupmobile* à nossa frente:

— O meu «auto» é o melhor dos meus amigos. Gosto de andar depressa. Não atropelou ainda ninguém, mas, parece-me, que não me arrependeria se atropelasse certas pessoas que têm a mania de se colocar na minha frente...

O leitor está a reconhecer, e, certamente, com agrado, que a mulher portuguesa deixou de ser portuguesinha... Já aprendeu a estar



Uma estrela do cinema. Corina Freire, a vedeta «Paramount», guiando o seu «Windsor-Prince» de Galles



Uma jovem e arrojada automobilista, M.^{lha} Maria Luísa Freitas da Fonseca, no seu pequeno «Citroën»

as mãos algidas da Morte! Fico-me a pensar... E se, em vez de um homem, fôsse ao volante daquêlê carro uma mulher, ter-se-ia dado a mesma tragédia? Seria muito possível... Ah! Está pairando sobre Lisboa uma

hora má. Agora passa uma senhora motorista, e, no mesmo sítio do atropelamento mortal de há pouco, onde se vê ainda um grupo de pessoas a comentar a grande desgraça — passa, de novo, a asa da fatalidade.

O carro guiado por essa senhora que eu não sei quem é, atira com um sopapo do guarda-lama uma mulherzita a terra. O pânico recrudesce. Que sucedeu? Outro atropelamento mortal? Não. Um simples susto. A mulherzinha está viva, não sorri, mas também não chora. E, a linda motorista, essa que eu não pude entrevistar, salta fora do *auto*, levanta a vítima, e parte, levando-a junto d'si...

O que se recolhe desta reportagem — e, certamente, o leitor já o notou — é que a mulher portuguesa está actualizada, está absolutamente em dia com o nosso tempo. Adora o automobilismo, que é, sem dúvida alguma, um dos maiores triunfos do nosso século. Sabe andar depressa, mas sabe também andar devagar... Como verificaram, as minhas entrevistadas, e tôdas, sem uma excepção, não atropelaram ninguém. E eu não duvido de tal. A mulher ao volante não atropela ninguém porque tem medo do banco dos réus... Quando atropela, usa sempre dos olhos ou do sorriso, que dão uma vitória fácil e sem conseqüências desagradáveis.

GUDES DE AMORIM.



TENDO A DIRECÇÃO DESTA REVISTA RECONHECIDO QUANTO SERIA DEMORADA A INSERÇÃO, EM «HORS-TEXTE», DESTA MONUMENTAL OBRA, ÚNICA NO NOSSO PAÍS, EM VIRTUDE DA LENTIDÃO QUE SUPÕEM O ESMERADO DESENHO E A MAGNÍFICA EXECUÇÃO GRÁFICA, BEM COMO PELA NECESSIDADE DE ALTERNAR AS SUAS TÁBUAS COM AS DEMAIS SEPARATAS DE ARTE, RESOL-

VEU, DADO O ENORME INTERESSE DEMONSTRADO POR MUITOS DOS SEUS COLECCIONADORES, LANÇAR DESDE JÁ, EM SEPARATA E RICAMENTE EMPASTADA, A PRIMEIRA SÉRIE DE 10 TÁBUAS, A QUE SEGUIRÃO AS OUTRAS, RÁPIDAMENTE, EM TOMOS DE 10, FORNECENDO-OS AOS ASSINANTES DA

«ILUSTRAÇÃO», QUE ASSIM O DESEJEM, QUANDO OS QUEIRAM ADQUIRIR, COM O FORMIDÁVEL DESCONTO DE 30 % SÔBRE O PREÇO DE CAPA QUE VAI SER ESTABELECIDO E SERÁ ANUNCIADO DENTRO DE DIAS, SENDO, DECERTO, MODICÍSSIMO, EM FACE DO ALTO INTERESSE DA OBRA E DO SEU LUXO, NUNCA ATINGIDO EM PUBLICAÇÕES PORTUGUESAS.



OS PORTUGUESES

NO
RIO
DA
PRATA



O GRANDE SABIO
ZORRILLA
SAN-MARTIN

Autor da «Epopéia de Artigas» e do poema épico «Tabaré» e a sua opinião sobre o que foi e o que devia ter sido o Uruguai



«O Uruguai é mais, por indole, por tuçuês do que espanhol» - Um grande centro de estudo sobre a colonisação portuguesa

Monte-vide-u, eis a frase pronunciada por um marinho português pertencente à esquadra de Fernão de Magalhães, numa manhã nevoenta. Sim, esse português cujo nome ficou na obscuridade, viu o monte que ainda existe com o nome de Cerro de Montevideo, onde fôra construída uma fortaleza. A névoa andava baixa, e o cidadão marinho lusitano apenas viu o cume do cerro, pronunciou então a frase *Monte-vide-u*, de onde nasceu o nome da capital do Uruguai.

É esta cidade uma das mais belas que encontramos em toda a América latina. Ela tem tanto de europeia como de americana, dando-lhe uma característica muito interessante, principalmente para os latinos.

Muito se tem dito a propósito do Uruguai que constituiu durante muitos anos as nossas províncias Cisplatinas, e que o Brasil perdeu quando se tornou independente.

Quisemos ouvir sobre o nosso domínio no Uruguai um dos maiores talentos de toda a

América. É D. Juan Zorrilla San-Martín, o sublime autor de tantos trabalhos dum valor histórico e literário, incontestáveis, como o são *A Epopeya de Artigas*, e o poema épico *Tabaré*.

É Zorrilla San-Martín o maior historiador uruguaio, e foi com o Grande Mestre que falamos durante uma das melhores horas da nossa vida.

Fôz no seu gabinete que fomos recebidos. É este um espaçoso gabinete de trabalho, onde se nota muito estudo. Todas as cadeiras têm pilhas de livros. A enorme secretária contém montes de volumes, em diferentes idiomas, uns abertos, outros com sinais nas páginas.

— Queira você desculpar esta desordem — diz-nos o poeta, ao mesmo tempo que nos estende a mão.

— Mas, Mestre, os livros da biblioteca de um sábio, como você, nunca estão arrumados, pois constantemente se necessitam para investigações históricas ou literárias.



Plaza da Independência, em Montevideo



Morro de Montevideu com seu fortim

— Eu alegro-me sempre quando falo com um português. Fui amigo de Eça, de Ramalho Ortigão, de Oliveira Martins e muito me orgulho dizer que o meu melhor mestre foi Alexandre Herculano. Mas vamos à sua visita. Sei que se propôs fazer um estudo sobre a colonização portuguesa em todo o mundo. Tive desse facto conhecimento pelos jornais de Montevideu. É um trabalho estudando esse que anda realizando.

— Muito lhe agradeço, mas neste momento só me interessa ouvir a sua opinião sobre o predomínio português no Uruguai.

— A ocupação portuguesa foi-nos simpática. Na *Epopeya de Artigas* eu descrevo este facto. Uruguai geologicamente falando devia ter sido português, mas socialmente foi-o espanhol porque nos impuzeram esse idioma.

E Zarilla San-Martin faz-nos uma larga descrição do território uruguai demonstrando com erudição que a sua pátria, pela sua natureza geológica tinha mais razão de ser portuguesa do que espanhola.

«— Os limites inferiores do domínio por-

tuguês, se estes tivessem que obedecer às leis geológicas, deviam ter sido a sua linha primitiva do rio da Prata, e os rios Paraná, Paraguai e Uruguai que nele desaguam e que são os que nessa latitude determinam a separação entre a formação andina e a atlântica.

«Com esses limites, Portugal, partindo dos seus domínios tropicais, em que o núcleo sociológico da sua conquista atlântica, que seria o Rio de Janeiro, penetrou com o seu idioma, na zona sub-tropical, na terra do trigo, do milho das graminas. Os seus limites deviam ter sido, pois, o rio da Prata e alguns dos seus afluentes que vêm das entranhas do Brasil, o rio Uruguai, seguramente, porque me parece que são as costas orientais do Uruguai e do Prata de formação mais antiga e mais firme do que os declives da margem ocidental do grande macisso brasileiro. E foi este o sonho de Portugal e Brasil: levar os seus domínios até ao Prata e Uruguai. Mas não foi assim, como lhe explico:

«Em ambas as margens do rio da Prata



O forte de Santa Teresa, no Uruguai



O aristocrático Balneário Carrasco, em Montevideu

havia de falar-se o idioma espanhol pelos séculos dos séculos. A linha de Alexandre VI que limitou o domínio português passava mais ao norte da embocadura do rio da Prata e esse macisso atlântico que pertencia todo a Portugal, devia ser partido ao meio, aliás nas latitudes sub-tropicais, entre Portugal e Espanha. No seu extremo inferior, no outro extremo ocupado pelo Rio de Janeiro, porto sumptuoso de tráfico, devia fundar-se uma cidade espanhola, Montevideu, porto luminoso da zona temperada, que falando em castelhano havia de impedir a chegada até ao Prata da influência sociológica da cidade portuguesa do norte: Montevideu devia arrastar a sua órbita de rotação ao ângulo inferior do grande macisso geográfico do Brasil.

— Mas qual a razão porque Uruguai ficou sendo uma nação independente da Argentina? — inquirimos.

— À Espanha descobridora do Rio da Prata estava-lhe reservado todo o lote sub-tropical da América do Sul; toda a região equivalente à que ocupou a Inglaterra na



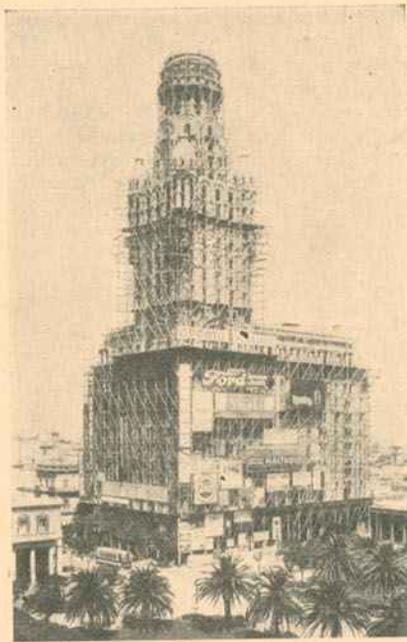
Uma escola pública de Montevideo

América do Norte, incomparavelmente menor do que esta construtura do continente austral, que se adelgaça à medida que penetra na zona temperada.

«Dessa maneira, na região austral da América do Sul formaram-se três grandes lotes bem definidos; um andino pertencente à Espanha com o seu núcleo em Buenos Aires dum lado dos Andes e com o seu S. Tiago do Chili do outro lado. E o dos Atlânticos do Norte com o seu núcleo no Rio de Janeiro, para Portugal. O do Sul com o seu centro em Montevideo também para a Espanha. Mas a metrópole espanhola, porém, não compreendeu o que significava essa sua propriedade em ambas as margens do estuário meridional. O rio da Prata não tinha ouro; o ouro estava lá em cima nos Andes, nas altas planícies do Perú; *vale um Perú; vale um Pofasi*, se diria para expressar a riqueza, mas a riqueza rápida de aventureiros. E a metrópole espanhola desdenhou do território oriental do Prata. Mas aqui deixou o seu idioma; com o seu idioma o seu espírito, e com este, unido às forças das leis geológicas e etnicas, o germe de um povo independente por natureza dos demais hispano-americanos: o povo oriental; a Pátria de Artigas.

«Esta, separada da ocidental andina por razões geológicas que a ela se unem, estão também separadas da setentrional atlântica por causas sociológicas e climatéricas que neutralizavam as geológicas e etnológicas que a ela se haviam vinculado. Se bem o meditates, encontrareis nesses factos a causa mais remota, mas não a menos profunda da formação da nossa pátria oriental, independente da Argentina e da Brasileira. Não é a obra dos homens; é a lei da natureza. A vontade de Deus.»

Tal é, pois, a opinião do grande poeta e historiador San-Martin, sobre a formação da sua pátria que, como afirma com tanta erudição, devia ter sido portuguesa e não espanhola, e qual as razões porque o Uruguai se tornou uma nação independente da Argentina. De facto a psicologia do uruguiaio é muito diferente da do argentino. O uruguiaio por sua natureza tem mais a índole brasi-



leira do que argentina. E constantemente se nota os vestígios da civilização brasileira levada para ali pelos portugueses. Foram os lusitanos que fundaram a Colônia do Sacramento que é hoje em importância, a terceira cidade uruguiaia. Ali deixámos a desafiar os séculos o Forte de Santa Teresa no departamento de Maldonado.

O seu museu histórico é um livro aberto. Mas um livro de história de Portugal. Descreveremos num dos próximos números a visita que fizemos a esse museu e as impressões que ali colhemos.

Como foi fundada a colônia do Sacramento?

Foi no dia 22 de Janeiro de 1680 que o governador do Rio de Janeiro, Manuel Lobo, mandou construir em frente da ilha de S. Miguel, ao nordeste do Uruguai, uma pequena fortaleza, que ficou com o nome de Sacramento. Chegaram depois ao Brasil, em 5 caravelas, umas duzentas pessoas, que ali se estabeleceram, edificando uma povoação a que deram o nome de *Lusitânia*.

Meses depois, o governador de Buenos Aires, numa sortida desleal, à frente de forças poderosas, expulsou dali os portugueses, os quais regressaram mais tarde, depois do parecer do Papa Alexandre VI, dado como árbitro para resolver as questões de direitos contestadas por Portugal e Espanha.

Mais tarde, isto é, 24 anos depois, Filipe V, esquecendo-se da decisão papal, ordenou ao governador de Buenos Aires, Valdez Inclan, para expulsar os portugueses da Lusitânia, mais conhecida por Colônia. Organizada uma expedição composta por 1.200 soldados espanhóis, 4.000 índios e os missionários de S. Domingos e Lorianos, foi a 17 de Outubro de 1704 imposta a rendição imediata, sob pena de enorme chacina.

E apesar dos portugueses serem 600 contra cerca de 6.000 inimigos, defenderam-se como leões, travando batalhas formidáveis e só capitulando 6 meses depois de imposta a rendição.

PEDRO MURALHA.

À ESQUERDA — Um arranha céus com 32 andares, a construir em Montevideo



MONTEVIDEO — O belo Hotel Municipal de Carrasco



Pedra rara

Por Moffa Cabral Ilustrações de Stuart.

O meu amigo, o lavrador João Seabra contou-me a história do Feliciano Campino, abegão que morreu ao serviço da sua casa.

Figuro com nitidez, no recorte das *sulças* compridas até aos ombros, a pele tisuada e olhos escuros, saúdades vivas do árabe que habitou a península e teve completo domínio do sul, esse homem sadio do corpo e da alma, simples e dedicado servidor, vivendo com os amos as alegrias dos amos bons, não se eximindo também ao travor dos revezes.

Na vida contingente da lavoura, o ano de 1876 foi uma verdadeira calamidade: a torrente caudalosa do Tejo, transbordando para os campos, atingiu proporções de tal modo apavorantes, como não havia memória. É ainda proverbial entre os velhos ribatejanos a *cheia de 76*, como a maior de todas. Pinho Leal atribui-lhe um prejuízo de cerca de um milhão de cruzados, em todo o Ribatejo.

A aldeia da Valada alagou-se repentinamente por quatro ramos no dique, salvando-se a custo a população.

Manadas de éguas sobre o dique comiam umas às outras selas da cauda e da crina, durante o pânico que não deixava pensar senão nos gados, retidos ainda nas pastagens alagadas, ameaçados de morte... Este socorro prestado ao gado manadio é trabalho perigoso e esforçado, feito em lanchas, a remos, por sobre a campina alagada, sujeitas a arrembarem-se de encontro à estacaria das vedações e trancas de árvores, num ambiente de trágica ameaça...

Feliciano trabalhava sem descanso nessa missão arriscada e, quando, após árdua lavoura regressou, a mulher foi dizer-lhe, entre lágrimas, que a cheia levava o pequenino celeiro, a custo amalhado para irem vendendo. Feliciano olhou-a e retorquiu, quasi com aspereza:

— Que me importam os géneros, mulher, se o gado da casa está salvo!

As situações difíceis marcam a ténpera dum carácter: e este desapego do próprio em face dos interesses da casa que servia, está bem de acôrdo com o resto da sua vida.

Este e outros traços do viver deste homem simples e rude, provam que a peça — *Os campinos* — de Salvador Marques, no quanto a estes diz respeito, não é tão ingénua, nem tão falsa, como pode parecer às platéas de hoje.

E quão honrado homem era este abegão, prova-o a evidência a sua conduta perante um acontecimento, banal mesmo para a enorme maioria das chamadas pessoas de bem. Um dos filhos, estando para casar, teve de apressar a cerimónia para reparar uma falta: comunicou-o naturalmente ao pai que rompeu na mais formidável indignação, declarando-lhe logo que tinha vergonha de comparecer na igreja...

Chamou-o o patrão ao escritório e fez-lhe ver o descabido de tais rigores. O rapaz, de facto, não procedera bem; mas ia reparar a culpa, e tencionava sempre casar com a rapariga. Não era um caso virgem: essas coisas davam-se em toda a parte e eram de todos os tempos. Que haviam então de fazer os pais dela? E tinha elle algumas razões contra a rapariga? Não tinha, era atilada e de boa gente.

— Não; mas eu gosto até da pequena! Toda a sua má vontade e ressentimento iam para o maroto do filho que não passava dum sem-vergonha...

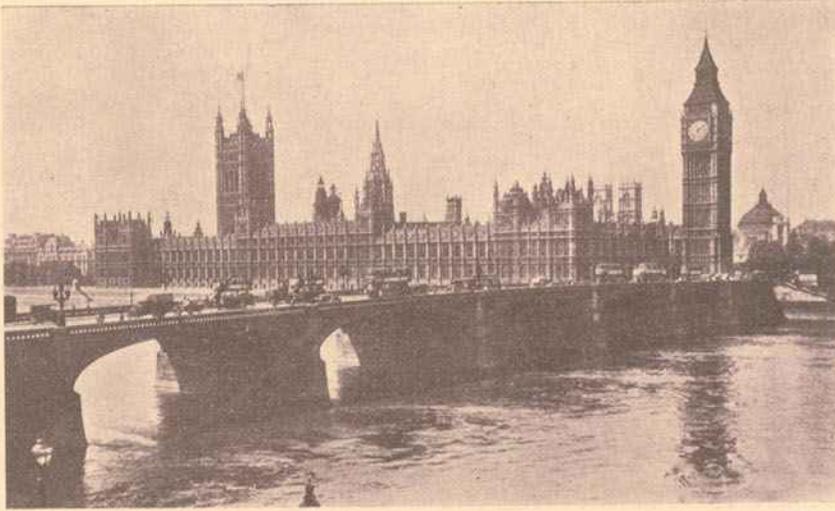
— Homem! não sejas disparatado. Não tens razão. E agora que queres fazer?... Vá-lhe-te Deus!

E o bom Feliciano, vencido mas não convencido, grande na sua rudeza simples, perdoando a mais alta virtude da honra doméstica, rematou com as lágrimas nos olhos:

— O patrão, onde é que se viu um homem sujar a água que há-de beber!



A ponte de Westminster
Inglã



e a casa do Parlamento
nico

I M
PRES
SÕES

DE
VIA
GEM

CATEDRAIS, MONUMENTOS E MUSEUS

Se é óptima réplica aos católicos de S. Pedro, de Roma, a catedral protestante de S. Paulo, de Londres, a verdade é que a fé, erguendo na maioria dos países os seus mais sumptuosos monumentos, pouco fez aqui. As doações fartas, as riquezas que veem dos milagres, os votos dos gran-senhores ou migalhas acumuladas da plebe em vésperas de acções que lisongeiam os seus egoísmos, vaidades e paixões, votos de quem procura abrandar a cólera do Todo-Poderoso adulando-o a ouro e pedrarias, tirante aquela formidável mole, apenas erguem nesta urbe imensa a jóia gótica que é a abadia de Westminster, e as famigeradas casas do Parlamento. Apesar de encher as suas igrejas aceitando cultos sem os dissecar, o que confirma a sua índole pouco cerebral e pouquíssimo especulativa por via da dôr, o povo inglês não foi até ao fanatismo que construiu as catedrais opulentas. Daí, ser escassa em monumentos a capital da Gran-Bretanha, valendo apenas pela iniciativa de cada um, manifestada através de edifícios particulares, pelos parques, que fazem a saúde do espírito, e pelo seu civismo, que a torna modelar nas mil pequenas manifestações que bem-dispõem o visitante que pretenda não ser estrangeiro em casa alheia.

Quási tôdas as nações têm aqui os seus templos, e se não estranhemos a modestia da sua fábrica, por servirem pequenas colónias, êles não ficam mal ao lado daqueles que purificam a alma dos ingleses. A sinagoga para espanhois e portugueses, que fomos descobrir em Bevis Marks, as igrejas francesas para os cultos católico, protestante e evangelista; as alemãs, luterana e católica; a italiana, a grega, a suiça, protestante com prégadores franceses e alemães, aqueles nas horas da manhã, êstes nas horas da tarde: um modelo de organização espiritual; as mahometanas, as budistas; as inglesas: protestante, católica, baptistas, presbiterianas, anglicanas, são oratórios para a fé de cada um, e nunca lugar para romarias de curiosos em procura de maravilhas arquitetónicas ou ávidos de espectáculos visuais. Dêste aglomerado sobressai, apenas, a cate-

DE LONDRES

dral de Westminster, a maior da religião católica em tôda a Inglaterra.

Avermelhada, tôda ela construída em tijôlo riscado a branco, a traça bizantina de Santa Sofia de Constantinopla lhe serviu de modelo. Um pormenor romântico: assentou alicerees onde outrora tivera seu lugar a prisão soturna de Tothill Fields, um cotovêlo de rua sem desafôgo, penumbroso. Nenhum ruído da cidade chega até ali; são raríssimos

os transeuntes. Do corpo do edificio nasceu a torre de Santo Eduardo, alta, mui alta, 284 pés, com um ar desgracioso de chaminé de fábrica.

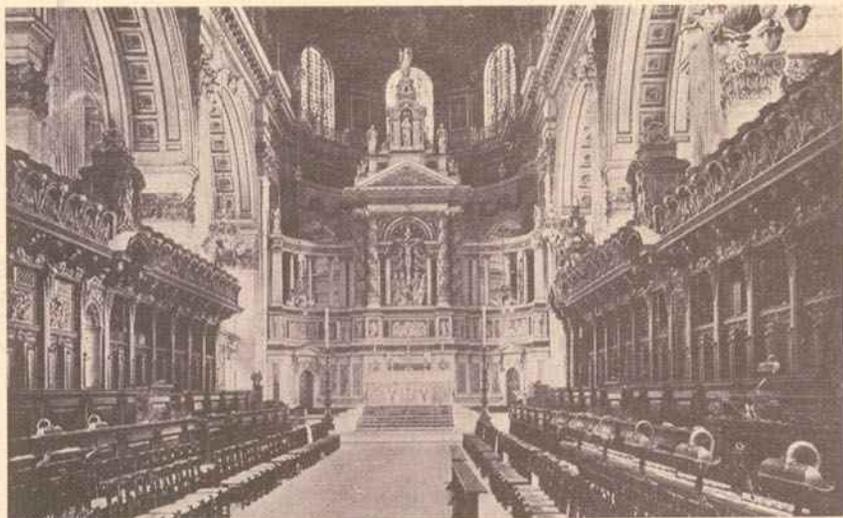
São 4 horas da tarde. O sol põe ainda uma passeadeira de luz entre as fitas de sombra que os prédios projectam nas ruas, mas fez-se noite no interior da catedral. Como na maioria dos templos para a religião católica desta cidade, as naves de Westminster são pesadas, tristes, soturnas, muito embora amplas, majestosas, parecendo aguardar a hora do seu desencantamento pela voz dum profeta que as encha de claridade. Apagam-se as colunas do altar-mór, em mármore de preço, amarelos, de Verona; perdem o ar solene, mas ríspido, as riquezas acumuladas nas capelas de Santo André e dos Santos da Escóssia, baldaquinos, candelabros. Há mesmo recantos que a treva faz misteriosos, transformando em rasgões de ruínas o esplendor de arcos e colunas. Corta-os ao meio, apaga as voltas; transforma nichos em cavernas. Os crepúsculos doces, a luz cariciosa, de teatro, das catedrais de Portugal, não a vi nunca em Londres. A severidade que a sombra dá apaga os haustos de unção ferozosa que é o ambiente das nossas igrejas. Aqui, a noite, que é a luz dos templos, em vez de afagar a nossa crença, parece exigir-nos humildades de fé numa atmosfera quási de ameaça.

Arden cirios junto da porta de entrada da catedral, mas em nenhuma capela a chama de lâmpada ou velita de altar arranca irizações à pedraria e vasos de ouro, faz resplandecer flores ou aumenta as pompas dos damascos. Noite nas abóbadas, noite nos altares. Há um momento, até, em que recebemos a sensação de que, riscando um fósforo, veríamos voar aves agoirentas lá nos cimos, encandeadas, revolteando, endoidadas, roçando sinistramente as suas asas negras.

Mas, pouco depois, ficam nossos olhos deslumbrados com a abadia de Westminster, essa maravilha gótica que está integrada na história de Inglaterra desde as lutas de Eduardo, o confessor. Apesar de velha, com mais de oito séculos, parece de ontem,



A catedral de São Paulo, em Londres



Côro e altar-mór da catedral de São Paulo, em Londres

Catedral de São Paulo, em Londres

tal a proficiência dos cuidados solícitos de que a têm sabido rolear. O tempo doba muitos minutos, muitos, muitos, e não nos cansamos de admirar a sua exterior beleza. Voltámos mesmo no dia seguinte. E só depois de a havermos examinado mais uma vez, como arqueólogo faminto, transpuzemos a porta atarracada que faz caminho ao visitante.

Todo o templo regorgita de lousas e pequenas memórias tumulares cobrindo os restos de homens ilustres nas artes e nas letras, guerreiros e estadistas que talharam destinos de povos. Naves, transepto e capelas é cemitério que demora os nossos passos abismando-nos na certeza física da transitoriedade da Vida. Mas tanta memória fúnebre, cada uma de sua época, e algumas de quasi ridícula concepção aos olhos iconoclastas do século xx por muito terem visto, dá um ar desarrumado de museu de lápides a este campo santo. Raros são os pormenores de sobriedade. A família de cada um daqueles que morreram parece ter escolhido a seu gosto a memória fúnebre que apresentaria às gerações vindouras esse seu antepassado, e assim heterogêneos, sem sombra de identificação com o ambiente austero da arcaria, desmancham a solenidade das naves com o simbolismo barato dos anjos e trombetas, e adornos das grinaldas e festões.

Das célebres Casas do Parlamento correm já impressas em Portugal tantas memórias, que, a esse aglomerado, apenas exigiríamos que confirmasse o que antecipadamente afirmamos da sua grandeza e deslumbramento. Corre em Londres, onde Portugal não é desconhecido e caluniado como desconhecido e caluniado é em França, que Sintra, de per si, justifica sobejamente a viagem a Portugal; pois as casas do Parlamento justificam plenamente uma viagem a Londres, e muito principalmente quando a luminosidade do céu consinta que as remiremos da outra margem do Tamisa, e desde a avenida, sem riscos de trânsito, que talharam em terreno sobranceiro ao rio.

Visitada a torre de Londres, que faz recuar a nossa vida até à Idade-Média, tanto cuidaram em conservar-lhe as características, limpos os fossos de defesa como se esperassem ainda qualquer sortida de aglomerados guerreiros em ânsias de expansão e conquistas; Guildhall, Middle Temple Hall, interessante exemplar da arquitectura Isabelina, nada

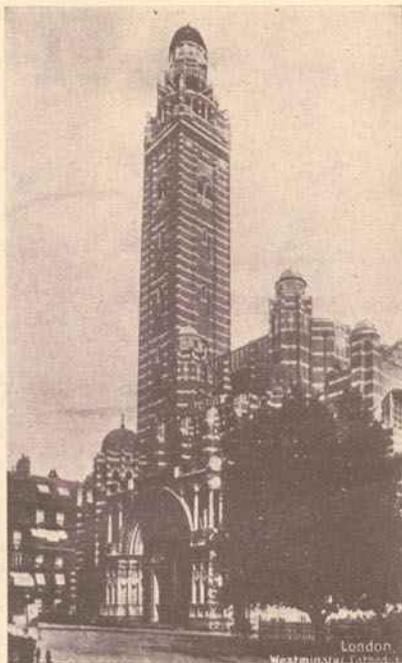
mais nos resta de monumental, a não ser museus. Na sua grande maioria, as estátuas de praças públicas, parques ou ruas, são do formato dos pesa-papeis. Um ou outro pormenor dos lavrantes da pedra a reclamar a nossa atenção, e pouco mais. Excepção quasi única é a «memória» ao real regimento de artilharia, que, em 1925, foi inaugurado no largo irregular para onde se abre a entrada do Hyde Park Corner.

Para as suas linhas sóbrias da arquitectura moderna, e para o seu volume, soube o escultor Jagger encontrar as figuras justas de expressão, que o completaram magnificamente. Uma delas tem tal vida amica que nos grita, na sua atitude e na dureza de feições, o propósito de não consentir que alguém tome o seu lugar. Abertos os braços, como se defendesse a porta de entrada duma trincheira, fita-nos sinistramente como a medir forças, embora certo de que será ele o vencedor. É a síntese viva do guerreiro que vai contando todos os minutos, ante a expectativa da morte. Na atenção e traços vinca-

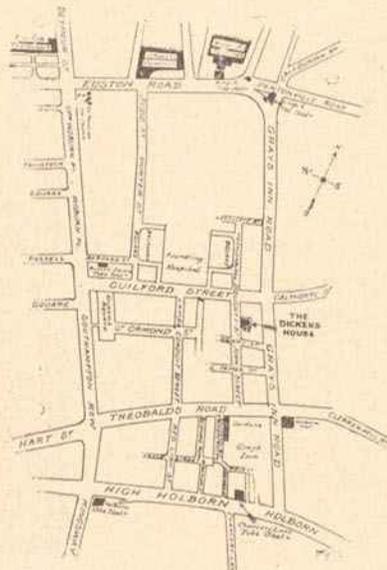
dos do semblante mostra ele a cobardia e alucinação que faz os heróis. Tem o monumento mais duas figuras, mas nenhuma delas nos detém. É só ante esta que suspendemos os passos, sentindo-nos ameaçados pelo perigo de que vemos o aviso na concentração do seu rosto. Se, espectante, este homem de guerra ficou aqui, é porque o local é o de maior perigo, e milhões de vidas se entregam à sua guarda. O orgulho que mostra é garantia de segura protecção. Fazem-lhe cortejos todos os tímidos e fracos que ele protegerá contra os perigos e refregas. Onde ele estiver haverá possibilidades de salvar a vida. Fala por ele todo um povo, porque todo um povo é ele.

Compreendemos assim melhor, ante este monumento, que serve de atestado à mais inútil das guerras, todo o facciosismo que os mestre-escolas derramam sobre a alma infantil nas aulas de história pátria. Apagase a solidariedade humana para que sintamos viver apenas a vontade egoísta duma nação. Esse guerreiro é o soldado que só reconhece à sua pátria a missão sagrada de se impôr a todas as outras.

Entre outros monumentos em geito de adôr, a memória ao rei Alberto, em Kensington Garden, é a mais valiosa. Encontrando-se muita vez portugueses e ingleses batilhando juntos, escrevendo páginas de história comum, foi curiosa e cuidadosamente que começámos examinando os baixos relevos do pedestal dessa memória, 178 mármores, magnificamente esculpidos, cada um de homenagem aos maiores génios da poesia, da escultura, da pintura e da arquitectura. Parada de valores de todas as épocas, ainda as mais recuadas, e de todos os países, nós, que já víramos uma desbotada bandeira portuguesa do tempo das invasões napoleónicas, junto ao sarcófago de Wellington, na cripta de S. Paulo, e reparámos registados no monumento a esse mesmo general, os locais portugueses onde ele derrotou o exército francês — esperávamos que nesse inventário dos valores intelectuais não faltasse Camões. Pois do génio lusitano se esqueceram, como se pobre ele fora, ou intruso o considerassem naquela assembleia de espíritos eleitos. Que não vá dizer-se que os ingleses desconhecem a nossa literatura: a secção portuguesa do British Museum é rica em número de volumes e preciosa em manuscritos.



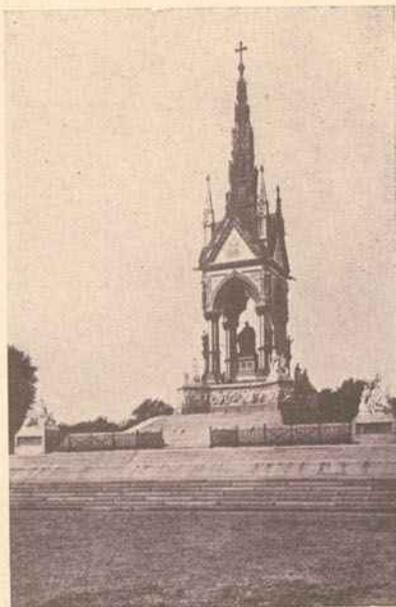
A catedral de Westminster, em Londres



Guia para alcançar a Casa de Dickens

las compromete, em promessas, os objectos, quadros, restos de civilizações que Londres guarda ciosamente. O que se perde em surpresa, já hoje impossível para os estudiosos, ou mesmo para aqueles que viajam por curiosidade, ganha-se em lições e ensinamentos. Assim, já antecipadamente admirados o pórtico de duplas colunas e proporções copiadas do Parthenon, que anda por toda a parte fotografado, do *British Museum*, e as obras primicias das galerias de pintura, de retratos, Tate, Vitória-Alberto e demais museus, fica aberta a uma melhor observação crítica tudo o que expõem, tal qual em Paris, por exemplo, e no *Louvre*, quando procuramos o recanto da «Vénus» de Milo, ou a «Gioconda», não para recebermos a forte emoção da obra de arte pela primeira vez observada, mas pelo prazer de viajante quando remira um original que tem visto muita vez reproduzido.

Excederam, porém, a nossa expectativa,



O «Albert Memorial» no Jardim de Kensington, em Londres

no *British Museum*, as galerias assíria e egípcia, que os arqueólogos ingleses têm enchido de maravilhas: túmulos, esculturas, restos de muralhas custosamente carregadas. Do tempo em que a Assíria disputava a supremacia guerreira ao país dos faraós, levando os seus soldados à conquista dos países entre o Eufrates e o Líbano, arrecadaram eles os leões arrogantes do palácio de Nemrod, os frisos dos génios alados em ar de procissão, reis em seus carros de guerra, gazelas de corpo nervoso, e toda uma série de ladrilhos rabiscados em linguagem cuncheiforme proclamando os sucessos e grandezas da Assíria:

«os meus guerreiros, nas suas marchas vitoriosas, devassaram pináculos onde apenas as águias haviam chegado».

Na parte egípcia mal registamos os apuros de disposição de todas as suas riquezas porque todos os museus desta capital nos mostram primores de boa ordem, para, mais uma vez, considerarmos no axioma decorado do grau de civilização a que subira o povo do Egipto. Em tudo éle pôs o selo da eternidade. Não se esculpe melhor a pedra, não se trabalha melhor o ouro. Se rememorarmos o rodar dos séculos, sentimos algemada a nossa época, caminhando as artes plásticas apenas por atalhos de limitar horizontes. A certeza de que nada podemos produzir de novo, desaleita. De tudo vem a condenação amarga de havermos de reproduzir o que já foi criado, embora disfarçemos a cópia com as roupagens dos nossos tempos.

E se na literatura há sempre problemas novos porque eles são oferecidos pelas novas modalidades sociais e conseqüente inquietação de espírito, decifremos os hieroglifos, debruçemo-nos sobre a literatura desse povo, e observemos que o problema transcendente da morte, encarado filosoficamente, já éle o havia proposto na sua visão de eternidade. O «livro dos mortos» e os ritos funerários, comprovam-o. Percorrer, por exemplo, a galeria das múmias deste museu, é compreender bem e justificar melhor a maldição faraônica contra aqueles que, violando o sono eterno, devassaram e roubaram seus túmulos. Sendo o mais formidável, por arrepiante espectáculo que nossos olhos ainda viram, se há curiosidade neurótica em remirar os primores dos caixões ao talhe do corpo, arabescados a verde e vermelho, reparar nas ligaduras vegetais que revestiam todo o cadáver, considerarmos nas locubrações que haviam de ter morado no cérebro duma múmia mirrada, os vícios duns, a bondade de outros, o génio guerreiro deste, a candidez daquele: uma princesita da dinastia dos Ramses, há no ambiente uma tal sensação de medo que a nossa cobardia acaba por vencer a curiosidade. E então sentimos, sentimos por forma definitiva, que direito não tinham os sábios do nosso tempo de arrancar à paz dos seus túmulos aqueles que pretendiam repousar para sempre na terra da sua pátria e ao lado dos seus maiores. Aquela exposição em montras etiquetadas e com legendas, como se catalogassem objectos, amesquinha o cadáver e diminui o mistério supremo da morte—o mistério que o povo egípcio sempre pôs na sua moral.

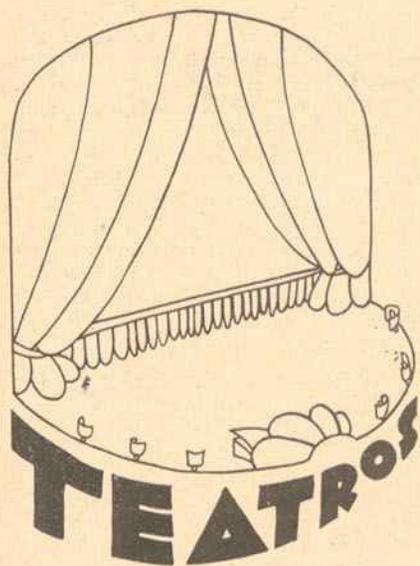
ASSIS ESPERANÇA.

A seguir—AS MULHERES DE LONDRES

Merece especial registo a forma por que em Inglaterra se chama a atenção do visitante para os seus museus. Aparte o megalomanismo patriótico que leva as organizações de turismo a editar a maioria dos seus folhetos em inglês, embora lhes sirva de justificação o facto do próprio inglês viajar muito dentro da sua pátria e da América chegarem, continuamente, carregamentos de excursionistas—mas a não ser a mania antipática de nos obrigarem a ler o inglês, não conhecemos capital que faça rodar o turista de tantos cuidados e esclarecimentos. Desde a fronteira nos encheram de folhetos gratuitos, de plantas de museus, ainda aqueles de mais fraca nomeada internacional. Aqui temos, por exemplo, um deles, seis páginas da Casa de Dickens: a primeira em boletim de inscrição para aqueles que pretendam ser seus subscritores, três de prosa clara que descreve o museu, duas com a fotografia da fachada e planta topográfica do local. E note-se, em boa verdade, que o museu de Dickens é um museu pobre de interesse, apenas evocador.

Dêstes cuidados resulta o desembaraço do visitante, que se julga em casa própria, singrando à vontade como se conhecesse a cidade palmo a palmo. Livro aberto que apeete ler porque tudo está magnificamente indicado, não podemos fugir ao contraste com Lisboa, onde o antipático e feroz guia nos aparece a propósito e a despropósito de tudo. Da nossa péssima orientação de propaganda tivemos nós farto ensejo de observar os resultados: diáriamente, a legação e o consulado de Portugal tinham de fornecer todos os esclarecimentos àqueles que pretendiam arribar ao Tejo, ou à Madeira, contagiados, uns, pela fama do clima sem igual desta ilha, deslumbrados outros pela promessa do sol do Estoril e jogos desportivos da sua predilecção. A Agência Havas, em páginas inteiras de vistosos anúncios nas mais cotadas revistas inglesas, gastava, à larga, com essa praia portuguesa, os mais lisongeiros adjectivos, mas fazia silêncio sobre a entidade que forneceria os esclarecimentos complementares. E, então, em vez dos folhetos que solicitavam, com preços e tempo de estadia, como as agências inglesas editam, tinham os viajantes de contentar-se com as explicações verbais que lhes eram fornecidas, muitas vezes pelo telefone, outras ao balcão do consulado. Querendo chegar depressa começamos pelo fim, quando o mais inteligente seria abrir primeiro agência de informações e propagandear depois as belezas de Portugal. Sabido que o inglês não sai da sua pátria sem saber bem quanto gasta, reconhece-se o erro desta propaganda mal orientada e pior dirigida. De aplaudir, apenas a iniciativa particular dum hoteleiro da Madeira, que abriu cubículo junto de *Regent Street*, o «Portuguese Travel Bureau», editando um folheto de mau aspecto, mas único, que serve para orientar as excursões «in picturesque Portugal, land of storied, legend, arts, history, romance», como se lê na capa—que é do gosto japonês dos raios dum sol às listas amarelas e vermelhas, e que, nascendo a um canto, anuncia como trombeta: «sun-line tours».

Esta insistente e bem conduzida propaganda turística da Inglaterra faz-nos logo conhecer as maravilhas que nos oferecem os museus. Sóbrias as descrições, nenhuma de-



A DIREITA — Alexandre de Azevedo e Palmira Bastos na scena capital de *A Dama do Sud* do Repórter X.

NO OVAL DE BAIXO — Amélia Rei Colaco, Leopoldo Fróis e António Pinheiro em *O diabo em casa*, de Raimada Curto.



pelo golpe psicológico que nos revelou a alma de cada personagem, e, também, pelo carinho com que o dramaturgo acaba o pedestal das figuras numa doce tranquilidade de vida nova. A interpretação agradou, mas estou certo de que mais agradaria se houvesse mais mocidade em alguns actores... E, finalmente, participamos a Reinaldo de que não quisemos fazer a crítica à sua peça com esta rápida e quasi telegráfica noticia, mas sim marcar e definir a nossa adesão ao seu teatro moderno, vertiginoso e emotivo, e, por conseguinte, ao sucesso da sua primeira peça, que veio marcar um novo caminho ao nosso empobrecido teatro. — G. DE A.

Morreu a Pawlova, a mais extraordinária bailarina dos nossos tempos depois da divina



REINALDO Ferreira, o homem que tem nos olhos aspectos de todas as cidades do mundo, o jornalista que há muito triunfou e subiu nas asas deste pseudónimo *Repórter X*, acaba de chegar ao teatro. A sua primeira peça, *A Dama do Sud*, foi-nos apresentada, há poucos dias, no Gimmásio. Reinaldo fez a sua estreia de dramaturgo numa hora feliz para si, para o seu nome, para o seu talento, e para o teatro português também. Não nos deu um teatro paradoxal como o de Luigi Pirandello, não escreveu, tão pouco, uma peça de estranhas e emaranhadas observações psíquicas como são as peças de Henri Lenormand. Reinaldo Ferreira fez teatro com a vida de hoje, com a vida dos nossos dias. *A Dama do Sud* é uma figura arrancada à vida da nossa época. Em torno dessa mulher, amorosa até ao impossível, rolam dois modelos de homem, e, muito especialmente, um deles, que, por pertencer à legião de torturados do nosso tempo, toma o relêvo de uma estátua de heróico infortúnio. A peça de Reinaldo agradou-nos pela acção empolgante, emotiva,



Scena de *Chim bum zá!*, mágica para crianças representada por crianças no Alcazar de Madrid, nos espectáculos especiais infantis (Foto Orriás)



Isadora. Pawlova e Diaghilew, são dois nomes que não mais podem ser esquecidos na arte da dança, e até, em geral, na arte moderna, tão alto ergueram a decadente escultura dinâmica que é o bailado. Morreram ambos estes grandes artistas. Ontem, Sérgio Diaghilew, depois, há umas semanas, Jean Borlin, grande bailarino sueco; agora, na Haia gelada, morre a Pawlova. Morreu o *Cisne* divino, mas desta vez, de verdade.

A Ópera Municipal de Berlim publicou a estatística dos seus espectáculos.

Representaram-se 43 peças. Foram 20 de autores alemães e houve 163 récitas com elas. Com as 23 peças estrangeiras deram-se 173 representações.

Glória Guzman veleta da companhia de Revistas Argentinas, que está fazendo sucesso em Madrid, num número com as segundas *tipies*
(Foto Orrios)

EM BAIXO — Ana Pavlova, a genial bailarina que acaba de falecer na Haia

Verdi foi cantado 50 noites; Puccini, 45; Mozart, 40, e Wagner, 47.

Também dos teatros de Budapest se sabe que, sendo 17, com a totalidade de 16.425 lugares, venderam, na última temporada, 34 milhões de bilhetes.

Há 763 artistas, 1.385 coristas e 260 músicos nestes teatros. Nesta temporada representaram-se 109 óperas, 11 *ballets*, 626 operetas, 70 obras populares, 62 tragédias, 357 comédias, 112 farsas, 39 revistas e muitas obras que não se podem classificar destes géneros.

O total de representações foi de 12.346, e as estreias 227.

Das obras representadas, 827 foram de autores húngaros e 450 de autores estrangeiros. Bonito quadro...





A nota mais curiosa da actualidade mundial é a nova «guerra do Alcrim e da Mangeron» que se apresenta sob a forma nova de luta de *wamps* pelo predomínio na tela. Afastada, ao que parece, Pola Negri, pelo triunfo das *talkies*, estando Mary Duncan ainda longe de ocupar o posto a que tem direito, conservava Greta Garbo a rivalidade entre as mulheres fatais, mercê do deslavado mau gosto da maioria, seduzida, morbidamente, pelo seu langor cadavérico, pela sua beleza contestável de insexuada, pela sua anemia clorótica que todos tomam por estilização, pela sua insensibilidade que tomam muitos cinéfilos por sóbrias interpretações. Neste momento, porém, já assim não é; Greta Garbo, como todos os *bluff* teve que perder terreno. Chegada a Hollywood, Marlene Dietrich, a perturbante intérprete de *Anjo Azul*, logo no seu primeiro filme assesta um rude golpe na fama da «vedeta» escandinava.

A sua interpretação de *Marokko* com Gary Cooper é, ao que parece, um triunfo definitivo. Mas nem só esta grande artista ameaça o prestígio da Garbo, pateada agora em todo o mundo na versão sonora de *Ana Christie* de O'Neil. Carmen Guerrero e Conchita Montenegro, espanholas, estão em plena ascensão, a

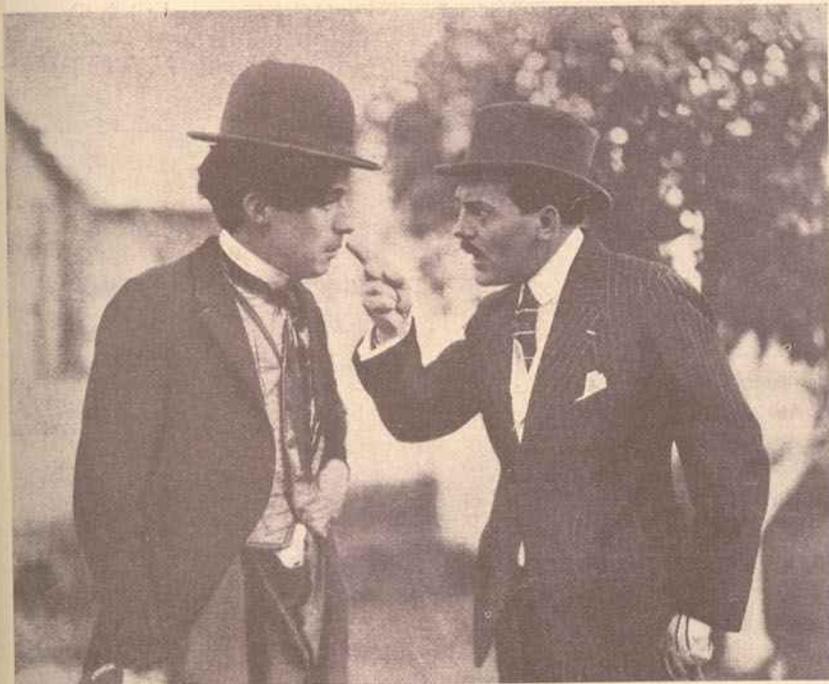
genial Gina Manés vai mostrar, no *fadado*, quanto vale, Danielle Parola, mostra-o num filme que Lisboa admira neste momento, é uma grande realidade, Lya de Putti vai reentrar em actividade. A grande e inolvidável Francesca Bertini parece ter o segredo da mocidade eterna e Olga Tschichowa pode ainda ir além do muito que fez em *Moulin Rouge* e *Invasão*. Onde irá parar, portanto, o prestígio de *cordelinhos* publicitários da incolor Greta Garbo?

Parece que, um dos grandes *trucs* da direcção comercial dos *studios* americanos é a ressurreição, para o sonoro, dos grandes filmes que fizeram a celebridade dos *yankées*. Assim, veremos, faladas, gritadas e com tiros ao natural, as séries famosas *Mistérios de Nova York*, *Moeda quebrada*, *Máscara dos dentes brancos*, as *westerns* de Duan e Polo.

Naturalmente, os interpretes serão outros, visto que já desapareceram Pearl White, Hugo, Eddie Polo, Warren Kerrigan, Honnini, Ruth Roland e os demais heróis. Dos antigos ficaram, apenas, e nalguns casos, os *vilões*. Entre eles Warner Oland, ainda ple-



A ESQUERDA — Catherine Meylan, a deliciosa loirinha, adorna, desfiladamente, a moda dos vestidos compridos... e até de calças...
A DIREITA — Marlene Dietrich, a genial *wamp* que foi revelada em «O anjo azul» com Janning's, tal como aparece, com Gary Cooper, no seu primeiro filme americano *Marokko*.



Nos tempos do «cinema-mudo». Uma foto única. O grande e malogrado Max Linder com Charlie Chaplin, o Charlot dos tempos primitivos, sem bigode...

namente activo, tornará ao seu tipo de chefe chinês, senhor de todas as crueldades.

E os bons tempos do cinema voltarão para gáudio das ingénuas plateias. Só não voltam, desgraçadamente, os que morreram: Max Linder, o cómico extraordinário, o primitivo Charlot de Keystone nas suas farsas



Uma silhueta que fez época; Warner Oland, na sua terrífica criação de mandarim, nas fitas da Pérola Branca, que agora vão ser editadas, novamente, em «talking».

de que os seus actuais melancolismos nos dão saudades...

Coisas do passado que não voltam mais...

Seguiu mais um grupo de artistas ou principiantes portugueses para os studios da Paramount, em Joinville. É de esperar que o êxito dos seus trabalhos seja superior ao que alcançou o «primeiro turno» que ali trabalharam. Esperando notícias dos nossos simpáticos compatriotas, sinceramente lhes desejamos um êxito absoluto e mais uma vez

chamamos a atenção geral sobre a acção interessantíssima da Paramount no que se refere à feitura de fonofilmes em português.

Continua em plena realização *A Severa*, grande produção portuguesa de Leitão de Barros. Somos, por princípio, contrários a qualquer apreciação ou comentários a filmes ainda não apresentados, porque nos parece fácil cair em injustiças ou exageros. Mas um esforço tão grande como o do artista de *Maria do Mar* comprometem-se tantas vontades, tantos capitais generosos, tão grandes desejos de acertar que merecem, pelo menos, uma nota que lhes lembre que os jornalistas da especialidade os animam com a sua assistência moral e o seu carinho. Abdicando de, na altura própria, dizer o que pensam, clara e diáfanoamente? Nunca!... Mas comportando-se, ante uma obra alheia, que representa arrojo, iniciativa, alma e vontade, com o respeito absoluto que deve merecer sempre o sagrado trabalho dos outros. E parece-nos a boa doutrina...

A canção do bérço obteve, sem dúvidas, fortes proventos materiais. É lícito supôr igual sucesso para *A mulher que ri* quando uma fita de actualidades com explicações em português basta para o êxito de um programa. *A Severa*, estamos certos, sejam quais forem as suas hesitações ou os seus defeitos próprios de toda a obra de tão largas intenções, deve vir a ser o maior sucesso de 1931. O que esperam então os capitalistas portugueses para se lançarem numa indústria em que, com o advento do fono-cinema, ficámos em igualdade de circunstâncias, no capítulo exploração comercial, com os mais fortes produtores do mundo? Continuarão a contentar-se com os seus pacatos 5 % nos papéis de crédito?... E quando é que o governo faz ver aos importadores de filmes em linguas várias, que devem proteger a filmagem de fonofilmes em português?...

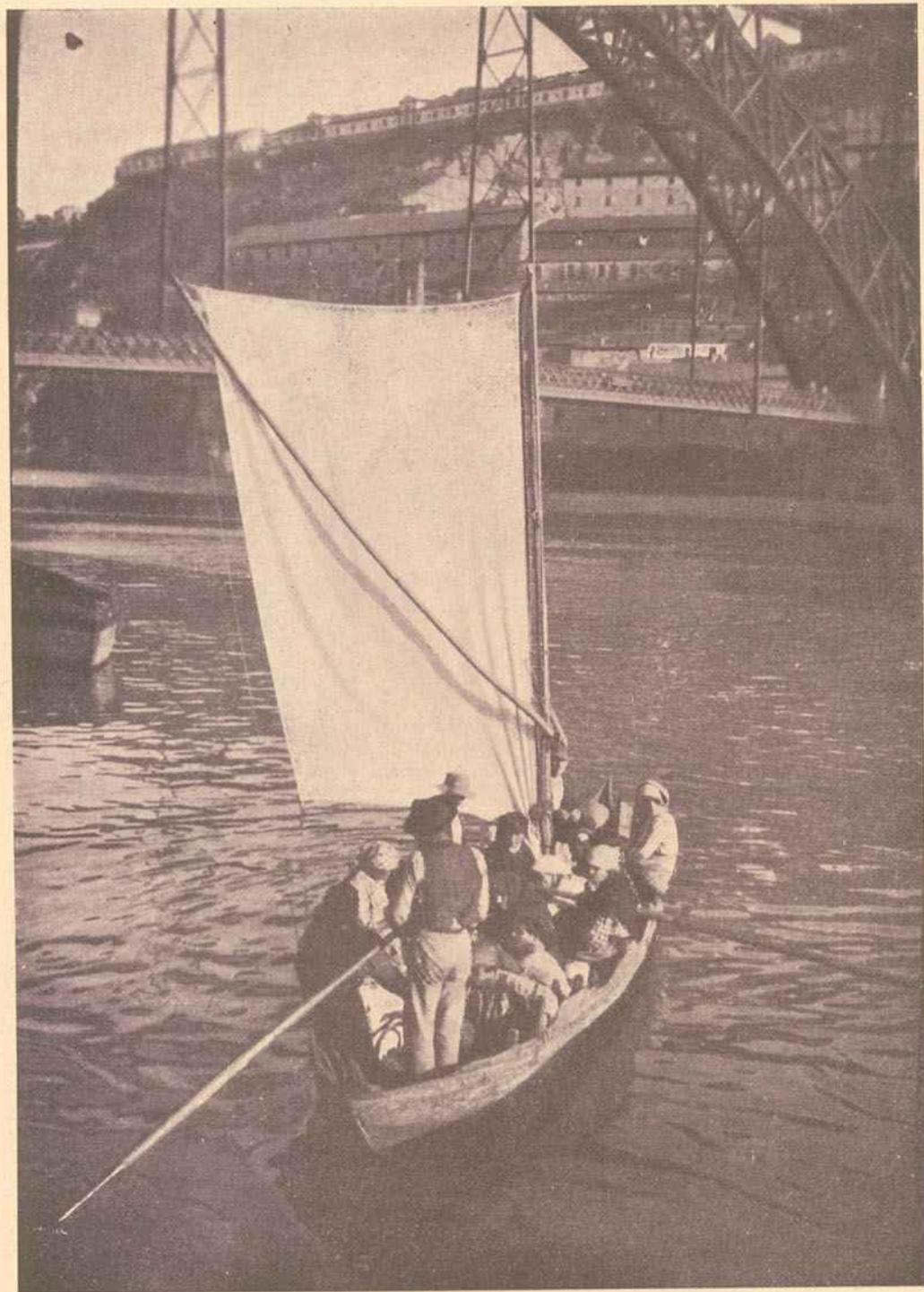
ÉCRAN.

CARMEN GUERRERO

Estrela espanhola em Hollywood



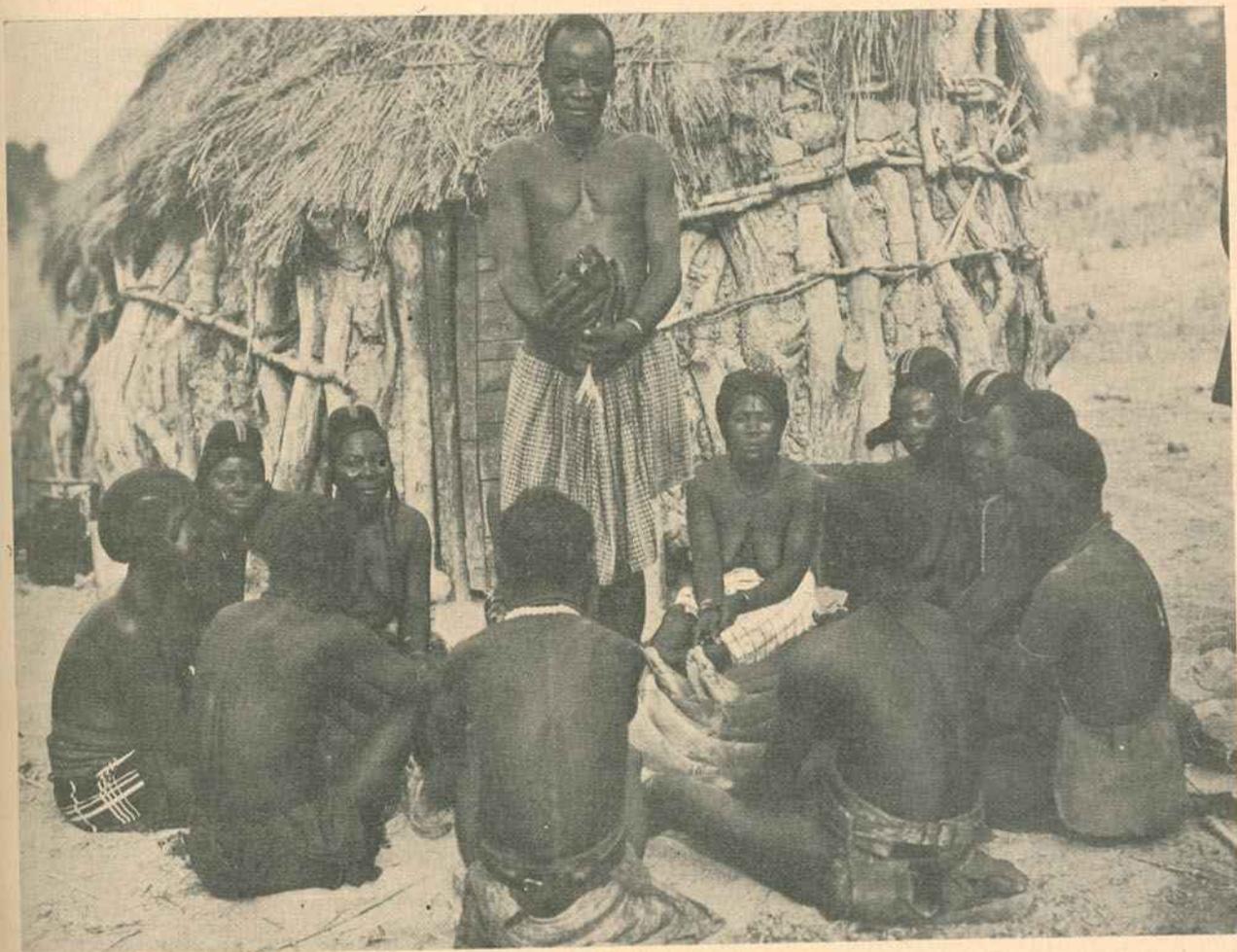
JOÃO
MARTINS



BARCA NO
DOURO

PAGINAS DE ARTE DE

ILUSTRAÇÃO
5



DA TERRA DOS PRETOS

O ADIVINHÃO

Não se trata de uma figura como a da Madame Têbes e tantos outros cartoonantes que pelo meio do baralho das cartas descobrem fortunas, doenças e um sem número de coisas... célebres no mundo da pantomimice, não. É do preto a quem o genio considera como um homem que adivinha todas as coisas, as descobre com a sua acção vigorosa do feitiço, como homem que tem um poder sobrenatural sobre os outros.

O negro é um ser que admite tudo, que vê na passagem de uma ave, na morte de uma cobra e outros bichos, preságio de mau agouro, fatalidade certa.

Pobre gente!...

E como tudo para elle é supersticioso crê na feitiçaria, na adivinha, e num sem número de «charachas» que causam riso—se é certo que pela metrópole também há muito parvo que as acredita, pois se assim não fosse, as *ilustres indrôminas* do bruxedo não governavam a vida a dizer aos patetas que falam com as almas do outro mundo e tantas outras histórias que causam hilaridade à gente de são raciocínio.

Mas na terra dos brancos, como dizem os

pretos, as *ilustres personalidades* que se dedicam a tão *belo* ramo de indústria têm em vista o extorquir as massas aos incautos. Porém, aqui não. O preto que se vê com autoridade para adivinhar fá-lo crente de que é verdade e sem que o preocupe a remuneração.

Ora entre as várias formas de adivinhar que elle adopta, tem uma que é duma ingenuidade grande ao mesmo tempo de um barbarismo ou crueldade terrível. Ei-la:

Dá-se um roubo na casa de um preto e ninguém sabe quem é o ladrão. O que faz o roubado? Vai a casa do adivinhão e conta-lhe o facto e dos negros de quem desconfia como autores. Este manda-os chamar e depois de reünidos forma com elles uma roda, pega numa galinha, depena-a, rasga-lhe o ventre, puxa-lhe os intestinos para fora e arremessa-a para o meio da roda. A ave antes de morrer dá voltas e mais voltas entre aquella agonia e por fim vai cair morta junto de um deles. Esse preto, embora inocente, é o apontado como autor do furto, sendo obrigado a restituí-lo; e, para mais castigo, prendem-no a uma árvore e depois, leva uma

carga de pancada a cada um dos presentes, que chega para uma familia, ainda que numerosa, da metrópole.

Que demência, meu Deus!...

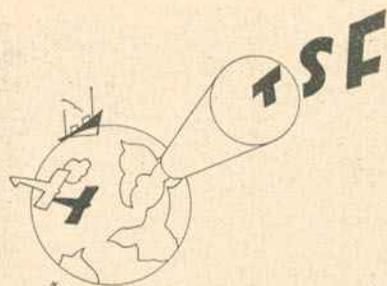
Esta faz-nos lembrar aquella história que se conta de certo abade de aldeia a quem um dia roubaram umas galinhas; e como nunca descobrisse o *gatuno*, resolveu elle adoptar um estratagemam a ver se o conseguia. E, de facto, um dia, na missa conventual, na ocasião em que lia a homilia, disse que ia subir ao púlpito e lançar d'elle uma pena de galinha, e que em quem ella caísse seria o criminoso. E assim fez. A pena lá começou a esvoaçar por um lado e pelo outro até que ia a cair na cabeça de um lavrador já velho que ao vê-la aproximar-se começou a sacudi-la com as mãos:

— Sáfa!... Sáfa!... Vai lá poisar no padre que não fui eu que o roubei.

E aqui também é o mesmo. Quer o preto tenha sido ou não o autor do furto, elle é que tem de pagar as favas porque a galinha assim o indicou.

Sá da Bandeira.

ZARCO DE ALMEIRIM.



AS GRANDES EMISSORAS PORTUGUESAS



Vista do studio do pósto CT1BO



Aspecto da Sala de transmissão do pósto CT1BO

A ESTAÇÃO CT1BO

UMA das estações que mais notáveis perfeições técnicas tem conseguido e que melhores e mais perfeitas emissões tem brindado aos semfilistas portugueses é,

sem dúvida, a CT1BO, de Lisboa, instalação modelar, propriedade de dois apaixonados do semfilismo, os nossos amigos srs. Abílio Cunha e Fonseca Neves, também proprietários da Hertziana, L.^{da}, uma casa especialista de grande fama.

Com uma tenacidade e uma dedicação magníficas, os proprietários do CT1BO conseguiram um máximo que não é fácil igualar e difficilimo exceder em justiça e afinagação.

É vêr cada detalhe de per si. Osciladores, estabilizadores de frequência, moduladores e amplificadores de microfone ou de «pick-up», comutações silenciosas, reguladores de volume de impedância constante, filtração, sistemas de alimentação, desenho e estudo de antenas e contra-antenas, tudo é perfeito e, ainda mais, tudo foi modelarmente regulado pelos fundadores do pósto. E a prática diz que, inconstestavelmente, o CT1BO é um pósto perto da perfeição porque nele nunca houve uma *panne*, funcionando com absoluta regularidade, sem deficiências, transmitindo com uma *qualidade* magnífica.

E *qualidade* nada tem que vêr com *potência*. Por isso, CT1BO quis demonstrar, com o seu pósto, que pode realizar-se uma emis-

sora de 100 a 200 *watts*, antena com tôdas as características de *fidelidade* e *regularidade* das melhores congêneres estrangeiras. Num país em que não há encorajamento nem coadjuvação oficial para a resolução dos altos problemas da T. S. F., que são momentosos e de importância transcendente, êste esforço há-de ser rememorado, como magnífico, pelos vindouros. Nunca se esquecerá que a CT1BO funciona, regularmente, há mais de dois anos, ensaiando transmissões várias para se fixar no tipo de radiação de ondas médias sem interferência de nenhuma emissora estrangeira de interesse para o nosso país. Em Fevereiro de 1930 passou definitivamente da onda de 30 m. em que trabalhava para a onda de 270 m., obtendo então resultados definitivos.

Desde os primeiros tempos que CT1BO funciona regularmente, três dias por semana, aos domingos, terças e quintas, das 22 às 24 horas, radiando grandes programas de música e declamação por egrégios artistas e amadores ou discos de successo por uma máquina provida de «adaders», para evitar a interrupção entre os vários discos. E é de frisar que foi a CT1BO a primeira emissora portuguesa que fez *modulação directa* com



A esquerda — Durante um concerto no CT1BO. Da esquerda para a direita, no 1.º plano: Violante Montanha, Alice Guedes de Freitas, Maria Luísa Vieira Lisboa, Isaura Pavia de Magalhães, Ema Vieira Lisboa e Hilário Neves. No 2.º plano: Filipe Fonseca Neves, Branca Belo de Carvalho, Abílio Martins da Cunha, Maria Luísa Mulheiro Dias, Júlia Oceana da Fonseca Pereira, Laura Tagide Tavares e Luís Macieira. A direita — Um concerto no CT1BO. Os artistas Mariana Carvalho Monteiro (piano), Fernanda Moraes (canto), Olívia Guerra (declamadora), Francisco Benetó (violonista), com os srs. Abílio Martins da Cunha e Filipe José da Fonseca Neves, proprietários do pósto e gerentes da Hertziana, L.^{da}

diafragmas eléctricos, tão perfeita que ao ouvido é difícil distinguir as suas emissões de microfone das de diafragma eléctrico. Também tem um quinteto privativo composto de artistas eminentes. Têm ainda tomado parte em concertos sumidades como Viana da Mota, Nicolino Milano, Francisco Ilenetó, Paulo Manso, Fernando Costa, José Rosa, Amaranite, Leopoldo Frois, Conchita Ulla, etc.

Este pôsto colaborou oficialmente na Campanha do Trigo e em várias obras de caridade. Actualmente, por meio de uma série de conferências pelo ilustre colonialista capitão Vergílio Costa, dá este pôsto colaboração à patriótica campanha pró-Colónias.

E assim segue, triunfalmente, na senda empreendida.

Aos seus proprietários e fundadores devem os semfilistas portugueses muitos serviços e, logicamente, muitos serviços deve o país pela difusão interessantíssima, por eles realizada, da música portuguesa, dos artistas portugueses e dos homens de letras e conferencistas da nossa terra.



Estúdio N.º 1-B do Pôsto CT1AA, de Lisboa.



Estúdio N.º 1-A do Pôsto CT1AA, de Lisboa.

condições o permitiam, se começou ouvindo Portugal...

Organizaram-se então os melhores concertos, perante o seu microfone passaram os artistas de maior vulto—e sendo como é a rádio um forte agente da civilização, este posto emissor começou surtindo os efeitos benéficos que lhe eram próprios. Porque não afirmar que o comércio da radiotelefonía, e portanto as inúmeras antenas que hoje se veem montadas, são um fruto da iniciativa desta estação? Hoje CT1AA é já uma estação de radiotelefonía poderosa, irradiando 2 kw. na sua antena, montada segundo a técnica moderna, e contendo o material mais perfeito que os laboratórios aperfeiçoaram a tão alto grau que tornam possíveis uma perfeita realidade de sons e conjuntos que nos espantam.

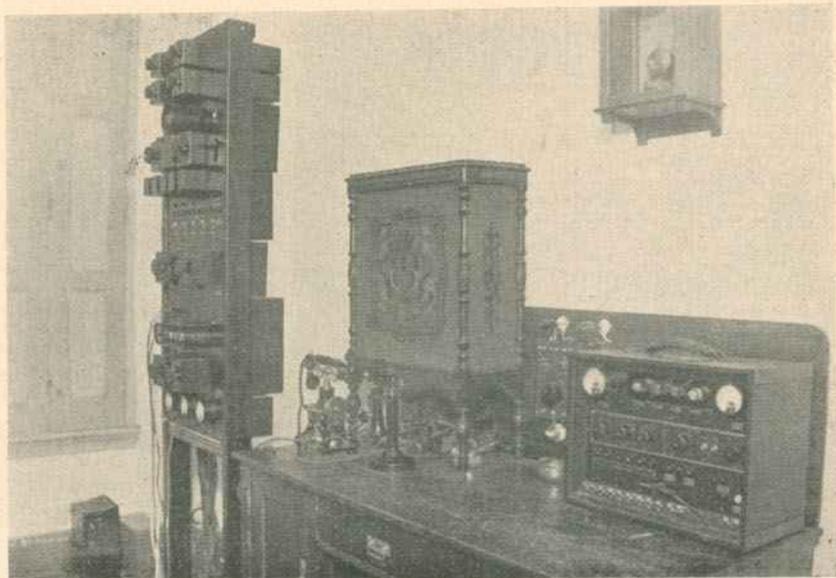
Consultando o seu vasto arquivo de correspondências, e bem assim os mapas demonstrativos da sua eficiência—imediatamente

A ESTAÇÃO CT1AA

QUANDO foi pela primeira vez montada, no nosso país, uma estação de transmissão Rádio-telefónica — a estação CT1AA — teve ela por fim criar o interesse pela T. S. F. em Portugal, que nessa data — 1924 — já existia por todo o mundo.

O seu raio de acção era, todavia, muito restricto, pois a potência com que emitia era somente de 50 watts! Começaram os poucos amadores da capital movimentado-se, nasceu o galenista, aquele que com meia dúzia de voltas de fio sobre um pedaço de cartão, um cristal de sulfureto de chumbo, uma antena e um par de auscultadores, sem mais despesas, sentia o prazer inclável da música, via eter! Tomado esse encargo, e em face dos resultados muito satisfatórios obtidos, alargou-se a sua acção, aumentando a potência para 250 watts.

De tôdas as partes do País, começaram chegando aplausos e incitamentos à obra que fôra iniciada, e já no estrangeiro, quando as



Sala de amplificação e acontrolés do Pôsto CT1AA

temos a noção do valor que representa no nosso país uma estação de rádio — de acção e esse valor foi também reconhecido pelas instâncias oficiais, que solicitaram a sua cooperação na Campanha do Trigo, na do Milho e agora para as auxiliar também, incitando os lavradores.

E tudo é devido à iniciativa particular, é somente à boa vontade e tenacidade de um português que Portugal deve o ocupar já o seu lugar nos magazines de programas no estrangeiro, e chamar sobre si a atenção de algumas pessoas que talvez ignorassem a sua existência!...

O seu emissor de 3 kw. de onda ultra-curta faz com que os seus programas sejam recebidos a uma distância muito superior do que em onda média, garante um melhor contacto com portugueses vivendo no estrangeiro e mesmo com os estrangeiros, que contam com esta emissão já certa nos seus receptores, e atestam uma intensidade de recepção igual à de P.C.J.Zessen, em França, Inglaterra, Espanha e Bélgica! Somente lamentamos que seja feita uma só transmissão por semana, mas os seus horários não permitem por enquanto maior trabalho.

Foi o fundador e é o animador entusiástico desta bela obra do C.T.I.A.A., o ilustre homem de desporto e inteligente comerciante Abílio Nunes dos Santos Júnior, detentor de grandes tradições de actividade, iniciativa e decisão. A êle se devem, justo é dizer-se, as primeiras emissões portuguesas, aquelas que abriram o caminho à paixão semfilista que vai pelo mundo e que é, hoje, em toda a parte, um seguro índice de progresso. E que grande obra foi, integrar Portugal nesse progresso imenso, obra dos mais altos alcances internacionais, visto que é hoje, pela T.S.F., que mais proveitosa pode ser a propaganda da paz universal?!...

ALTAVOZ.



Os amadores da reprodução mecânica de grande orquestra teem uma ótima ocasião de dotar as suas discotecas com uma bela obra do mais alto valor musical e da mais apurada realização. Refiro-me à célebre suite *Casse Noisette* (Der Nussknacker) de Tschaiakowsky, executada por uma grande orquestra, dirigida à maravilha por Edwar Mörike, o conhecido kappelmeister e gravado electricamente por «Parlophon». A pureza admirável de som faz com que se não percam os mínimos detalhes da execução impecável, mórmente os subtis efeitos de instrumentação em que o grande artista russo era mestre incontestável. Todos os compassos são executados com brio e mestria consumada, mas não será exagêro, de entre a perfeição geral, citar a especial sonoridade e delicadeza da *Danse des mirlitons* e da *Danse Chinoise*, absolutamente excepcionais.

Os sopranos ligeiros, por muito notáveis que sejam, já vão causando um pouco, porque não é fácil encontrar ainda amator de canto que não ache artificial a acrobacia especialíssima a que obrigam as partes escritas para

tais vozes. Só as sumidades geniais ainda conseguem espantar num *emploi lírico* onde a *ficelle*, o *truc*, tão facilmente passam, para a massa do público, como perfeições. Um dos mais puros sopranos ligeiros que tenho ouvido em discos é, sem dúvida, Margherita Salvi, aliás cotada como celebridade em toda a parte. Ou mercê da gravação excelente em dos dotes excepcionais da artista, as mais difíceis passagens musicais são, para ela, meros incidentes resolvidos com uma naturalidade, um encanto e uma frescura deliciosas. O disco em que a grande artista canta *Caro nome* e *Tute le jest al tempio*, do *Rigoletto*, de Verdi, é, simplesmente, magnífico e de um efeito soberbo, mercê também da massa orquestral que, sob a direcção do dr. Weissman, acompanha a artista. Gravação e edição Parlophone.

Esta casa, cujos produtos estou ouvindo agora pela primeira vez e que me espanta pela sua perfeita técnica e superior selecção artística, ainda tem uma gravação admirável: *A la viennoise*, de Friedman, e *Poemas hu-*



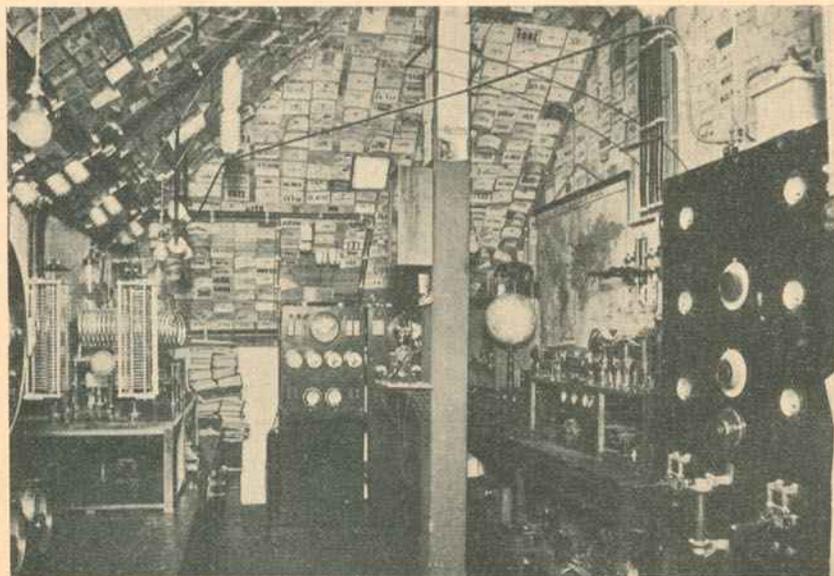
garos, de Hubay, duas peças de transcendente dificuldade para violino—solo por Edith Lorand, a insigne *virtuose*, acompanhada da sua orquestra, formação musical de que publicamos a fotografia nesta secção. Trata-se de uma solista insigne e de duas excelentes execuções fielmente reproduzidas.

Como todas as casas, esta casa alemã tem dedicado as suas atenções à música portuguesa. Além dos discos citados no número anterior, ouvimos os fados *Antigo de Coimbra* e *Qeixume*, pela bela voz de barítono de Felisberto Ferreirinha, e *Um fado e Nostalgia*, pelo sentimental cantador nortenho Carlos Leal, cuja voz é intensamente fonogénica. Também uma artista de voz delicada, Julieta de Brito, em *Amendoeiras*, de Sarti, e *Trovas*, de Tomás de Lima, mostra boa escola e dá origem a um disco muito apreciável que aconselhamos sinceramente. E do muito recebido só a estes nos parece justo fazer referência porque só estes a merecem.

PICK UP.

AOS SEMFILISTAS

Nos nossos próximos números enceteremos a publicação de sensacionais artigos de carácter técnico e prático, publicando, em belas gravuras, os esquemas de construção dos mais modernos receptores, com a descrição completa do seu funcionamento, permitindo, assim, aos amadores que se dediquem à realização e afinação de postos que, por preços infinitamente módicos, tenham a eficiência dos postos de alto preço.



Aspecto parcial da Estação emissora C.T.I.A.A., de Lisboa. No 1.º plano, à direita, vê-se o emissor de onda média; à esquerda, está o emissor de onda ultra-curta

MOTORES



Um dos mais recentes barcos automóveis construídos na América. Dois motores de 175 H. P. Velocidade, 31 milhas. Acomodação nocturna para quatro passageiros.

Campbell e o seu "bólide"

O capitão Campbell deve, nestes primeiros dias de Fevereiro, tentar bater o *record* mundial de velocidade em automóvel.

Campbell escolheu, para este fim, as duras areias de Daytona, nos Estados Unidos da América do Norte.

Pela gravura que publicamos fará o leitor uma pequena ideia do bizarro automóvel, construído por Campbell. A sua principal preocupação foi a resistência que o ar oferece ao veículo em marcha e dela resultou a especial configuração do seu carro, depois de aturados estudos com modelos reduzidos, num tubo aerodinâmico.

O motor desenvolve uma força de 1.400 H. P., esperando-se velocidades superiores à média horária de 400 quilómetros.

O *record* actual está em 373 quilómetros, e pertence ao malogrado major Segrave.

Se Campbell não conseguir realizar as suas tentativas, pela proibição com que, à última hora, as autoridades de Daytona o estão embaraçando, serão elas efectuadas, mais tarde, na Nova Zelândia, ao que dizem as últimas notícias recebidas.

Por mais dificuldades que surjam, o facto é que Campbell não desiste e há-de, por fim, achar um cantinho do mundo para a realização do seu *record*.

Canôas a motor

Os *gasolinas*, mais vulgarmente aqui chamados, constituem um género de *sport* que, no estrangeiro, está adquirindo um considerável desenvolvimento que, infelizmente, apenas de muito longe, é acompanhado pelos nossos *sportsmen* náuticos.

Estamos numa situação, sob todos os pontos de vista, superior à de muitos outros países, entre eles avultando as nossas excepcionais condições climáticas. Em Portugal pode fazer-se náutica em todas as estações do ano. Contudo, apenas na temporada das praias, se vê uma ou outra demonstração de amor pelo *sport* náutico.

A pesar das nossas tradições históricas, dos belos estuários do Tejo e do Sado, de portos vastos e abrigado, como a baía de Lagos, a nossa gente desportiva prefere os passeios da estrada em abrigadas *conduttes*, com receio de que o enjôo lhes dê volta ao estômago e o ar do mar lhe escureça a tés.

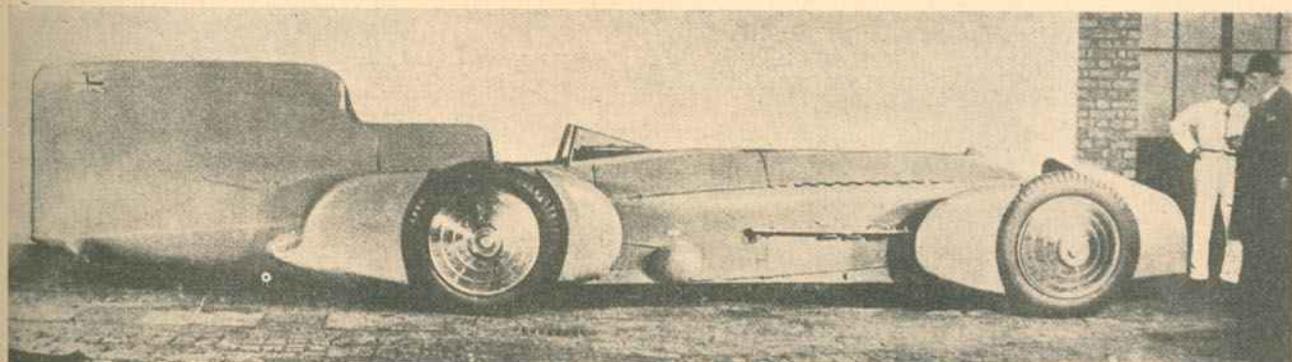
Pequenas notícias Pequenos conselhos

Não são assim os homens de outros países; os homens e as mulheres, e para cálculo dos feitos daqueles bastará apreciar o que há pouco foi levado a cabo por duas americanas *misses*. Únicos tripulantes duma canôa com motor, efectuaram a viagem de New-York a Miami, ou sejam 1.500 milhas, em pleno Atlântico e, por vezes, com vaga grossa.

Nada intimidou as valentes e simpáticas marinheiras, nem a pequenez da embarcação (quasi 8 metros de comprimento), nem uma pequena *panne* do motor, com substituição duma mola de válvula, nem a vastidão do oceano e a pouca gentileza com que as recebeu. Miss Maud Hughes e Miss Peggy Radcliff, tais são os nomes das heroínas, cujas idades são, respectivamente, 18 e 22 anos.

A gravura que publicamos é a dum *cruzador* de dois hélices, munido de dois motores de 175 H. P. A sua velocidade é de 31 milhas à hora.

É nos Estados Unidos da América do Norte que vamos encontrar o maior desenvolvimento da indústria construtora destas embarcações e seus motores. Desde o pequeno bote com motor fora de borda, de fácil adaptação, até aos grandes *cruzadores* de 40 e 50 metros com motores poderosos a essência ou a óleos, tem o cidadão e a cidadã americanos largo sortido para escolha, consoante os gostos e a bolsa.



A "salvábola" de Campbell. Espera-se d'este estranho automóvel uma velocidade superior a 400 quilómetros



O grande avião inglês «Hannibal», todo em metal. Transporta 40 passageiros. Construído para o serviço Inglaterra-Estados Unidos

O consumo de gasolina

Entre todas as despesas a que o uso dum automóvel nos obriga, é o consumo de gasolina o que mais nos inquieta; os motores parecem-nos dum apetite insaciável, e quando o preço da gasolina sobe, sentimos um calafrio.

O consumo depende dum grande número de factores. Ponhamos de parte os provenientes dum motor mal justado, dum carburador mal afinado, etc., e supondo um carro todo êle em bom estado de funcionamento, vejamos quais as principais razões do consumo de gasolina. São elas:

- O peso total do automóvel.
- A sua forma.
- A resistência oferecida pela estrada.
- O perfil da estrada.
- O estado atmosférico.
- A velocidade.
- O modo de conduzir.
- As perdas de gasolina.

Sobre o peso, nada podemos fazer; simplesmente aconselhamos a não meter seis pessoas num carro de quatro, não só pela economia de combustível, mas também porque essa sobrecarga pode trazer inconvenientes demasiado graves.

Da forma do automóvel depende uma maior ou menor resistência ao ar. Ela será maior numa conduite que num torpedão, naturalmente.

A resistência no rolar do automóvel depende muito do estado do caminho, liso, sêco, esburacado, lamacento, cheio de poeira, etc., e da sua inclinação, pois que mesmo em «prises», numa rampa, o consumo é maior que com a mesma «prise» em plano.

Os pneumáticos mal cheios, aumentam também o consumo.

O estado atmosférico tem igualmente a sua influência, principalmente a que é originada por ventos contrários, os ventos *ponteiros*, como os designam os marítimos. Vêm a seguir, embora com menor influência, a temperatura, as pressões atmosféricas, o grau de humidade, etc.

Em todos êstes factores a nossa intervenção é nula, ou quasi.

Vejamos agora onde ela pode ser útil.

A velocidade. O consumo aumenta com a

velocidade? Sim, se se tem em conta a *despesa horária* da gasolina. Mas, o que nos interessa é o consumo por quilómetros, ou antes, o consumo por 100 quilómetros, já que é esta a unidade adoptada para tais avaliações. Consta-se que, percorrendo o mesmo caminho mas a velocidades, em prise directa, variando entre 15 e 90 quilómetros à hora, o consumo quilométrico diminui, de começo, à medida que a velocidade aumenta.

Passa a um valor mínimo, aumentando, de novo, com a velocidade.

Há, pois, uma certa velocidade, que é a mais económica. Esta velocidade oscila entre 45 e 70 quilómetros, aproximadamente, segundo se trata dum pequeno carro ou dum 6 cilindros.

A forma de conduzir é, certamente, a que maior influência exerce no consumo de gasolina.

Um bom condutor, que poupe os travões, poupa simultaneamente a gasolina.

Com idêntica consequência, aquele que sabe evitar as paragens intempestivas, que aproveita as menores desniveleções do terreno.

Eis a razão porque em estrada, em caminho seguido, se consome menos gasolina que nas cidades congestionadas de trânsito, onde frequentes vezes se empregam os travões, onde, a cada momento, se é obrigado a parar para, de novo, se empregar o arranque.

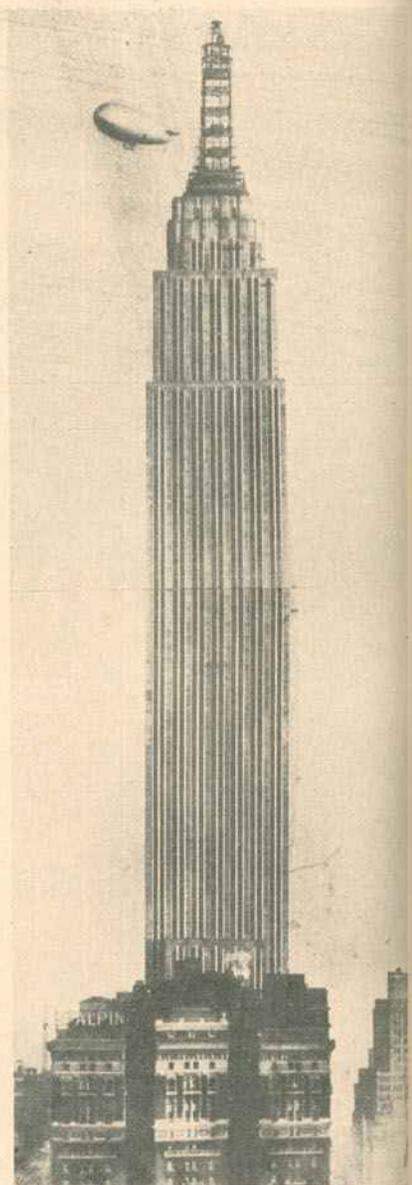
Os arranques com o motor frio, sobretudo de inverno, são também causa de consumo exagerado; há ainda as perdas de combustível por negligência do condutor, com motivo nalguma pequena rutura na tubagem ou pelo esquecimento de fechar a torneira da gasolina.

Não se deve calcular o consumo num só dia de trabalho ou em alguns quilómetros andados.

O melhor sistema é verificar o consumo semanal; a dia e hora certa de cada semana, assentar a marcação do conta-quilómetros e notar as quantidades de gasolina que, no decorrer da semana, se vão deitando no depósito. Medindo com a vareta ou com medida, a gasolina que êle ainda contenha, obtem-se assim uma rigorosa fiscalização do consumo, tanto mais útil quanto, se o consumo aumenta de semana para semana, podereis, com razão, supor qualquer desar-

O edificio mais alto do mundo

O arranha-céus que mais alto ergue o seu orgulhoso tope, na grande América, é o que reproduzimos abaixo. É o edificio do Empire



State. O seu tope está arranjado para servir de mastro de amarração de dirigíveis e, como tal, tem sido utilizado. A nossa foto representa mesmo um dirigível naval manobrando para a sua amarração no formidável mastro.

(Foto Ortol)

ranjo de carburador, qualquer defeito no motor ou rutura na tubagem.

R. LACERDA.

LIVROS

Com a sua costumada mestria, D. Emilia de Sousa Costa, ilustre directora da excelente «Biblioteca dos Pequeninhas», publicou, por ocasião do último Natal, uma novela infantil deliciosa, tão deliciosa como todas que saem da pena da insigne escritora. *História da Feialinda* é,

por isso, no género, uma obra-prima. O classicismo invulgar da prosa elegante casa-se com a sua simplicidade, daquela simplicidade difícil que só os eleitos conseguem e a sensibilidade primorosa da escritora expande-se, exuberantemente, na

arquitectura delicada, emotiva, desta novela de ternura pelos desvalidos e pelas almas leitas a quem o Criador deu o triste Destino de um feio envólucro terreno. Como lição moral vale o livro tanto como obra de arte. É o seu melhor elogio.

A autora ilustre de *Scenas Portuguezas* tem, no seu activo, bastantes vitórias literárias e até triunfos editoriais, como o seu



recente *Serões da Beira*. Não vem, portanto, desamparada de fama, à feira das letras. D. Sara Beirão tem um público certo e fiel que, fielmente, compra os seus formosos livros e dêles faz amigos e companheiros. A suave ternura, o tom discreto das pinturas e das paisagens, o delicado intimismo que se respira em todas as criações novelescas desta autora, tudo contribuí, muito justamente, para a voga das suas obras. Assim, o nome literário da autora de *Scenas Portuguezas* não precisava do triunfo que este novo trabalho vai, decerto, obter, para se impôr à consideração geral e para não ser esquecido quando se falar um dia, a sério, no movimento literário feminino em Portugal, que é coisa diferente do *bas-bleu* que para aí se estadeia.

Nesta ocasião, em que tanto se escreve e discute o problema sexual, que, com o económico-social, monopoliza a atenção do nosso século, um livro como *Vieja y nueva moral sexual*, de Bertrand Russell, há de causar verdadeira sensação. Sincero como poucos o foram, profundando em toda a complexa rede de derivações éticas e sociais que envolve e

muitas vezes oculta esta grande questão obscurente do sexo, o famoso escritor inglês oferece aqui o fruto dum estudo detido e meditado, com a honradez insubornável que o caracteriza.

O pensador magnífico, que pela sua viril e nobre atitude ante a loucura bélica, teve de renunciar, durante a guerra, à sua cátedra de Cambridge, não era pessoa que, nesta obra, retrocedesse ante os aspectos mais delicados do problema sexual que tantos outros autores contornam hábilmente.

Bertrand Russell quis dar-nos um panorama completo desta questão examinando sucessivamente todas as suas facetas, desde os grupos primitivos às sociedades contemporâneas, e conseguiu, assim, um estudo definitivo que todos, e especialmente todas, devem lêr. Sem exagero se pode dizer que Bertrand Russel escreveu uma obra genial.

A poesia feminina tem, em Portugal, brilhantes cultoras... e cultores, pois que também há senhores, do sexo forte, que bordam a missanga quadras, redondilhas e outros passatempos com recorte inteiramente feminino. Mas o brilho não é geral. Está também em moda ser poetisa ou mulher de letras, e daí a lástima de quasi todas as produções



espalhadas por revistas femininas e a super-abundância de livros de versos de amor, de saudade ou de choro que afoga as montras dos editores por conta alheia... Parece que basta apenas uma menina ter papás abastados e tólos para que lhe seja permitido estragar óptimo papel em impressão de sonetaria brava de amor deliquescente, feita ou comprada à medida, em idade em que assentavam melhor a cartilha ou os manuais de cozinha como meio espiritual. Descanse, porém, Virginia Gersão, a autora de *Ao tear*, porque não se lhe refere a última parte deste desafogo do meu mau humor. O seu livro não é condenável. Adota uma forma poética e uma índole lírica que estão muito bem em qualquer senhora e verdade seja que, nalguns pontos, consegue efeitos poéticos que não desmerecem do comum. Mas nisto vejo eu, precisamente, um defeito a evitar de futuro por pessoa de tão patentes dotes intelectuais. Escrever versos ou prosa sem novidade, perfectos embora, mas sem revelar um temperamento impar ou uma forte personalidade literária, ainda que, ao revelar-se, revelasse

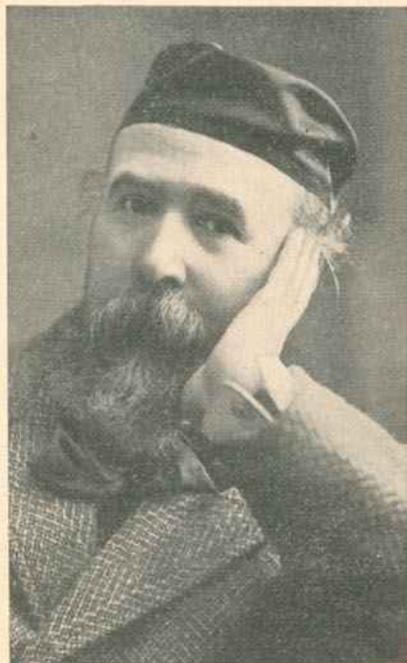
também maiores imperfeições, parece-me tãrrefa inútil como todas as imitações, todos os pastiches. E estão-me a parecer, muitos poetas e poetisas, como são na pintura os belos discípulos de mestre Carlos Reis, que, postos a par, todos parecem pintar igual.

Nuno de Montemór consagrou-se em poucos volumes, como um escritor notável, pulcro

pelas intenções, apreciável pelos dotes de prosador, duma intensa simpatia pela independente personalidade que deixa sempre transparecer através a textura, seja qual for, das suas obras. *Maria, a peccadora*, é uma novela arrancada às Escrituras. E sem fugir, como sacerdote exemplar, à arquitectura dogmática da lenda cristã, consegue Nuno de Montemór oferecer-nos uma obra palpitante de vida e ressendo os mais subtis perfumes de encanto e de humanidade. E porque isto é muito difícil, mais uma vez Nuno de Montemór afirmou que muito valia.



Todas as épocas tem o seu cronista azedo, epigramático, descontente, malquerido pelos que o rodeiam e sem poder suportar essa malquerença que às vezes resulta do temor da sua inferioridade. A geração de 98 de Espanha, a mais notável na literatura castelhana depois do Século de Ouro, teve o seu crítico mordaz e rabugento em Luiz Ruiz Contreras, homem de letras de vastos recursos, de cultura superior e cujas traduções do grande Anatole podem ser consideradas como obras primas. Dois volumes, *Memórias de um desmemoriado* e *Medio siglo de Teatro infruc-*



tuoso, são a crónica viva, palpitante, mordaz, dos meios literários e teatrais do final do século passado, documentos de um interesse formidável, empolgante leitura que aconselho por sua amenidade e importância.



ANÚNCIO CURIOSO

O célebre romancista americano William Howells, íntimo amigo do grande literato francês Pierre Loti, conta que, estando uma vez na Itália leu o seguinte anúncio num jornal francês que encontrou no hotel:

«O abaixo-assinado Pierre Loti de Lyon, inventor de ratoiras automáticas para ratos e ratazanas, não tem absolutamente nada com um cavalheiro do mesmo apelido que é escritor em Paris.»

■ ■

Criada, ajustando-se:—E que ordenado paga a senhora?

A patrão:—Estou disposta a pagar-lhe aquilo que você merecer.

A criada:—Nunca trabalhei por tão pouco, minha senhora. Adeus, passe muito bem.

PARA RIR

—É verdade, minha querida, a Carolina ficou extremamente aborrecida por sermos treze à mesa, o outro dia, no jantar em casa dela.

—Não sabia que era assim supersticiosa.

—Não é, sabes, mas só tem uma dúzia de copos e de chávenas, de forma que foi por isso.

■ ■

Na «gare» do caminho de ferro:

—Ó homem! pois tu viajas em segunda, sendo, como és, um farmacêutico de «primeira classe»!

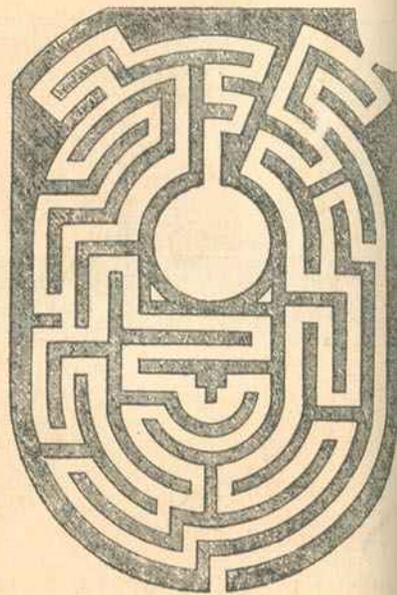
■ ■

Como se jogava dantes o bilhar?

O primitivo jogo de bilhar teve a sua origem em França, no século XVI, como um jogo ao ar livre, do género do jogo da bola e do «croquet». As bolas eram tocadas com um taco, a que os franceses chamavam *billard*, o que deu o nome ao jogo. Assim como o *lawn-tennis* deu origem ao *tennis* de sala



jogado em cima de mesa, assim também com o bilhar se deu a mesma transformação, mas este último tornou-se exclusivamente jogo de sala, caindo a sua primeira forma em completo esquecimento.



Labirinto alemão

Labirinto alemão, muito semelhante a um que existiu em Inglaterra, nos jardins da Real Sociedade de Horticultura, em South Kensington, e que fôra mandado construir pelo príncipe consorte, marido da rainha Vitória, tendo mais tarde caído em ruína e acabado por desaparecer completamente.

■ ■

A filha:—Papá, o nosso professor de ciências domésticas está-nos ensinando a maneira de gastar dinheiro.

O pai:—Podia ir ensinar patos a nadar, que era a mesma coisa.

■ ■

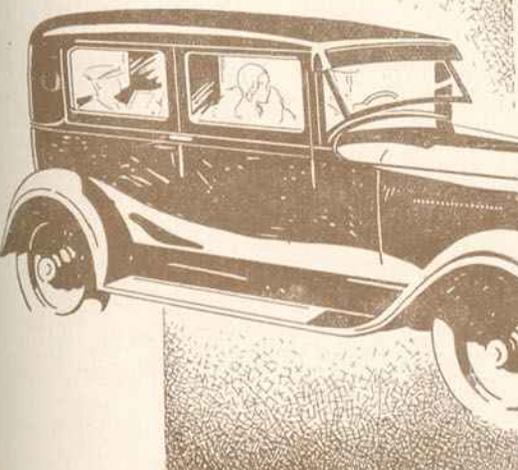
Ela:—Tens a certeza que me amas, marido?

Ele:—Sempre tenho tido a certeza; mas tanta vez mo tens perguntado que já começo a duvidar.



A última moda dos vestidos de noite faz crer num regresso ao decóro...

...desfazendo-se a ilusão quando aquelas que se sentam (Do sketch)



SEGURANÇA

PRIMEIRO QUE TUDO

Ao conduzir um auto Ford pela primeira vez, um dos pontos que atrairá mais poderosamente a sua atenção será o da acção instantanea e eficaz do sistema de seis travões. Este sistema garante um grau máximo de segurança. Os travões de pedal às quatro rodas e o travão de mão são absolutamente independentes, do tipo de expansão interior, com as superficies de fricção perfeitamente fechadas e protegidas contra a lama, a água, a areia... A superficie total da travagem é de 1.254 cms. quadrados. Outra característica exclusiva é a de centrar-se automaticamente os quatro travões de pedal. Este maquinismo permite que a superficie total das sapatas se ponha em contacto com os tambores no preciso momento em que se oprime o pedal, e, eliminando as chindeiras, assegura continuamente um funcionamento silencioso.

Ford Motor Iberica
BARCELONA

LINCOLN  Fordson

Simples

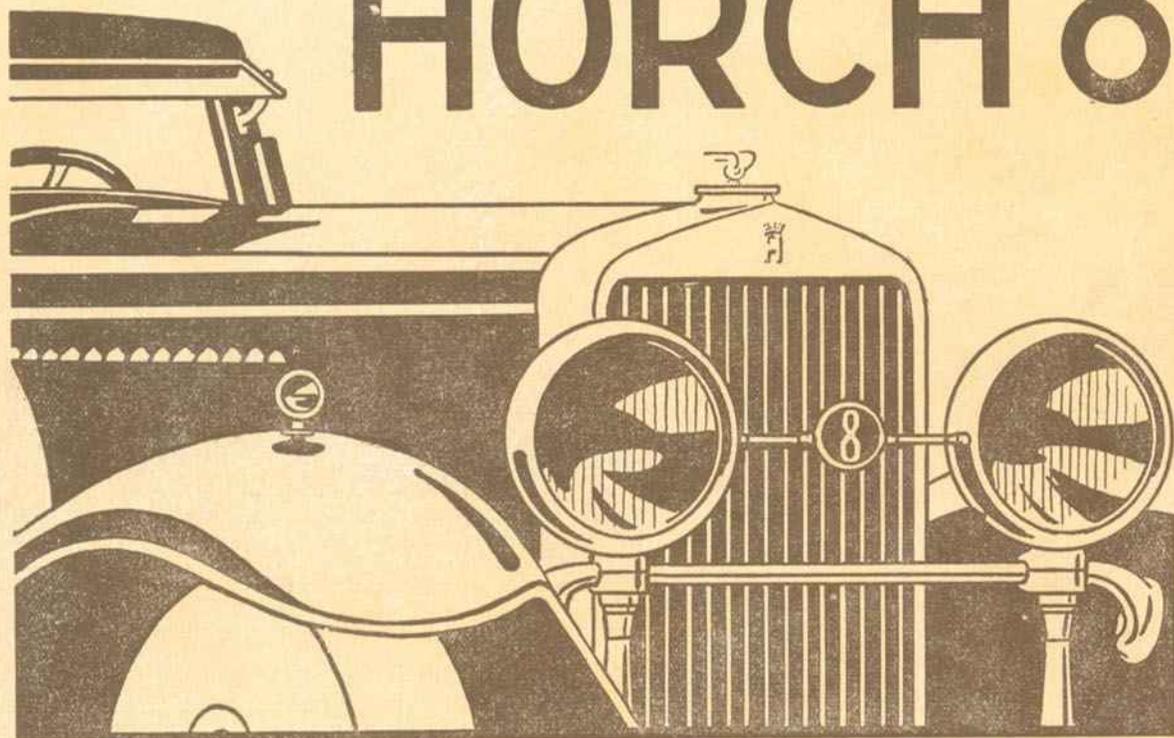
A S.E.T.E.R., L.^{DA}

(Société d'Études Techniques et Représentations L.^{da})



apresenta os

HORCH 8



A MARAVILHA DE 1931

A todos os automobilistas que se interessam por um carro cuja concepção é a mais perfeita da actualidade **em construção mecânica, como em elegância**, pedimos a visita á exposição dos **ultimos modelos chegados** na nossa

Garage AUTO-PALACE

Rua Alexandre Herculano, 66 — Tel. N. 4692 — LISBOA